Arnaldo

A CIGARRA

TEN-TEST

PROTEGE O MAIOR HOTEL DO IMPERIO

Grandes hoteis, taes como o "Royal York", offerecem um verdadeiro conforto para a vida. Para tanto contribue essencialmente o isolamento pelo "Ten-Test", que mantem uma temperatura uniforme no interior do Hotel, em qualquer estação do anno. Esse isolamento acarreta, alem d'isso, consideravel economia de combustivel e augmento de resistencia da estructura, o que torna o seu emprego absolutamente indispensavel por parte dos architectos e constructores.

No "Royal York" o "Ten-Test" foi tambem usado para assegurar um perfeito e efficiente isolamento do telhado. De facto as chapas do "Ten-Test" de 1" foram applicadas sobre o concreto, e egualmente entre as duas camadas do acabamento do telhado. Isso significa que a perda de calor atravez desse ponto de importancia capital, é praticamente nulla. Esse systema evita tambem a condensação e impede que o sol, no verão, actue sobre as dependencias internas, fazendo com que, durante todas as estações, o hotel offereça aos seus hospedes uma temperatura confortavel.

O "Ten-Test" é actualmente fabricado em qualquer grossura desejada, até 2". Isto permitte ao architecto conseguir uma placa isoladora que satisfaz a todos os requisitos.

AGENTES E DEPOSITARIOS:

L. SERVA & CIA.

RUA FLORENCIO DE ABREU Nrs. 1 e 1 sob.

Depositos: RUA TENENTE PENNA, 3 - Tel: 5-2248 **Telephones: 2-1730 e 2-3056**

SÃO PAULO

HUMORISMO ESTRANGEIRO

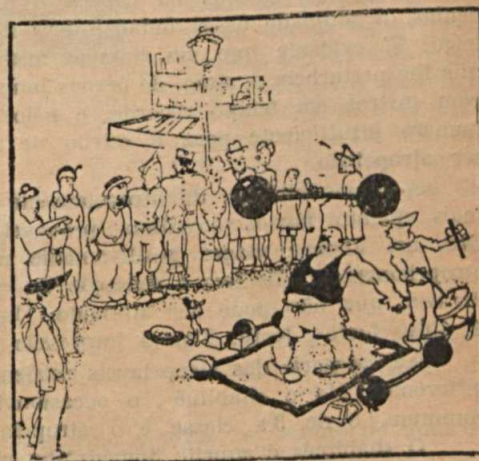
— Ah! agora me occorre uma noticia que não me lembrei de te dar no começo da viagem: Tua tia morreu, deixando-te herdeiro de toda a sua fortuna, que sobe a tres milhões de dollares...

O ladrão (lendo a chronica policial). — Como o «Dente de Ouro» tem progredido, heim? Imagine que, por causa daquelle roubozinho de hontem, na Joalheria Patin, dedicam-lhe uma columna e meia no jornal!

— Quando preciso voltar, para posar de novo?
— Se quizer deixar commigo o cachorro, não precisa voltar...

O passageiro. — E como faz o sr. para descobrir o caminho na volta?

O aviador. — Da maneira mais simples: — guardando de memoria a forma das nuvens...

— Viste em que deu a tua brutalidade, atirando-me aquella cadeira?
— A culpa foi tua! Quem mandou abaixar a cabeça?

O que toca o tambor (em voz baixa para o athleta). — Por favor, batuta, segura com força o altheres, que está ventando muito...

MARCHA Á RÉ

Diariamente, os jornaes abrem columnas para vituperar os cinesiforos, que vivem a atropelar meio mundo, sob o pretexto falaz de desengorgitar o transito.

O transeúnte, na opinião abalisada dos chauffeurs, é a pedra que precisa ser expulsa, nem que, para tal, necessario se torne quebrá-la.

Um chauffeur de Paris, de quem eu invejava a bôa vida, respondeu-me, parodiando Anatole France: «J'ai aussi ma pierre, c'est le piéton».

O «piéton» atropelavel, ou menos pernosticamente o pedestre, é senhor de uma mentalidade interessante. Trata-se, geralmente, de um senhor gordo, luzidío, de grandes bigodes, poucos cabelos na cabeça e muitos pêlos nas ventas. A utilidade dessa indumentaria é visivel ao mais leigo. E' evidente que um homem magro, sem bigodes que lhe perturbem a visão, de pernas longas que permitam cem metros em tempo recorde, e pêlos nas ventas em numero insufficiente para o estrilo de rigor, não pode ser atropelado.

A impossibilidade do atropelamento augmenta tanto mais quanto menos a vitima provavel nelle acredita. Ora, um homem magro positivamente não acredita em atropelamentos. Elle tem a sensação do vacuo, do imponderavel, que não pode ser attingido. Um homem gordo é, «ipso facto», lento. Tem a impressão do «peso».

Na categoria dos atropelaveis existem varias especies differentes. Ha o «habitué», o occasional, o de luxo, o commum, o de 3.a classe e o atropelado profissional.

O «habitué» é aquelle homenzinho ranzinza que tem cicatrizes inoffensivas, esbarra diariamente num paralama, leva sustos tremendos, briga com a mulher e recommenda aos filhos a maxima prudencia: «eu já fui atropelado, sei o que é isso».

O occasional é o atropelado que ia passando pela esquina... de repente, zás! — E' raro o occasional repetir sua façanha. Estoura na primeira.

O atropelado de luxo, vulgo «Cruzeiro do Sul», é homem de fino gosto. Prefere as Packards, as Stutz, nunca descendo aquem das «seis cylindros». Morre de desgosto ao esbarrar num Ford, principalmente si for do modelo antigo.

O atropelado commum não tem interesse para nós. E' o typo do homem que não escolhe cara... quero dizer carro. Qualquer um serve. Tanto se lhe dá que seja um Buick ou um Overland. E, até, na falta de peixe frito acceita o camarão. E' aquelle que costuma ficar debaixo do «Monstro de rodas» da «Gazeta».

O de 3.a classe só admitte o caminhão, de preferencia o Bussing da Limpeza Publica.

Quanto ao atropelado profissional, define-o bem aquella famosa anecdota que vou lembrar:

Um dia, um morador da Ladeira João Alfredo fumava socegado o seu cachimbo á porta de sua residencia. Eram seis horas. A tarde languida punha somnolencias no balanço da cadeira e o poente tornava mais suavemente azues as baforadas de fumaça. O filho pequeno brincava no meio da rua. Bancava o Friedenreich. De repente, um grito, sangue, correrias. Ambulancia. Rodovalho. Araçá. Choradeira em casa. Visita do almofadinha assassino e a gorda indemnização final.

Dias depois, o velho voltava á sua cadeira na calçada. De vez em quando, passava, veloz, um auto. Passava outro. O velho cofiou as barbas, sorriu, passou as mãos calosas pela cabeça do filhinho menor, o decimo segundo, e, jogando um tostão no meio da rua, disse-lhe com meiguices hawaianas na voz: Vai brincar com tostão, meu filho, vai...

O mais moderno Balneario do mundo

Poços de Caldas, dos "banhos de velludo"

Publicamos neste numero ampla e completa reportagem photograhica sobre Poços de Caldas, a encantadora cidade thermal que faz o orgulho de Minas e possue o mais perfeito balneario da America Latina.

Poços de Caldas foi sempre a menina dos olhos dos homens publicos de Minas, que sabiam haver naquelle recanto do seu estado um dos seus mais nobres e mais bellos patrimonios.

Foi porém o presidente Antonio Carlos quem tornou Poços de Caldas uma realidade viva, pondo-a á altura dos melhores balnearios estrangeiros. Em tres annos de labor, soube transformar radicalmente a já famosa cidade de cura, aproveitando intelligentemente a riqueza das aguas sulphurosas da estancia. Congregou em Poços grandes nomes da medicina e do urbanismo, fez vir notaveis crenologos estrangeiros, e em pouco a modesta cidade estava transmada numa das grandes estações hydrotherapicas do globo.

A construcção da cidade passou a obedecer a um criterio moderno superior, vasada em moldes sobrios e elegantes. O governo Olegario Maciel, seguindo a mesma orientação, e desejando tornar a cidade um ponto de convergencia para o turismo e para o ouro estrangeiro, entregou a prefeitura local ao dr. Assis Figueiredo, que, com um largo descortinio, vem dia a dia revendo, ampliando e aprimorando o traçado inicial.

O Sr. Assis Figueiredo, prefeito de Poços de Caldas, em companhia de sua exma, familia.

Todos os que visitam Poços não hesitam em considerá-la hoje a metropole da cura hydro-mineral da America do Sul.

PROPRIEDADES E INDICAÇÕES PRINCIPAES DAS AGUAS SULFUROSAS:

As aguas de Poços de Caldas são hyperthermais (44°), alcalino-sulfurosas. A sulfuração é dada pelo acido sulfidrico e pelo sulfidrato de sodio. A alcalinidade é equivalente a pH-9, 28.

As aguas de Poços de Caldas favorecem as oxydações cellulares, estimulando a nutrição; augmentam a riqueza globular do sangue; activam a funcção colagoga e antitoxica do figado; despertam a actividade das mucosas. São indicadas no tratamento dos reumatismos, nevralgias, molestias da pele e das mucosas, afecções gynecologicas, rinites, faringites, laringites, bronquites, artritismo ou gota, das anemias e como tratamento auxiliar da sifilis.

O MELHOR BALNEARIO DA AMERICA LATINA

As thermas Antonio Carlos são um estabelecimento moderno com variados recursos therapeupeuticos, gymnastica mecanica ou mecanotherapia, banho carbo-gazoso, aerobanho, banhos de ar quente, massagens, ducha-massagem, duchas variadas, duchas gynecologicas.

Ha, ainda, mais dois balnearios mantidos pelo Estado, um dos quaes a preços reduzidissimos.

O balneario Antonio Carlos está dividido em dois pavimentos. O primeiro contem 126 banheiras para banhos sulfurosos, distribuidas em tres séries: A, B e RESERVADA. Esta compõe-se de quatro banheiras para determinados doentes. Certas molestias contagiosas como a lepra não são admittidas no estabelecimento. As banheiras das séries A e B apresentam identicas commodidades. O vestibulo da série B serve de sala de espera para homens de um lado e do outro lado para senhoras. Na série A as secções masculina e feminina têm, cada uma, sala de espera propria, sendo commum o grande vestibulo oval, que dá acesso por elevador ao segundo pavimento. Na secção masculina da série A existe uma grande banheira de ladrilho com 5,m 20 de comprimento — DEAMBULATORIO — para reeducção da marcha.

O mobiliario de todas as secções do estabelecimento satisfaz inteiramente quanto ao conforto, á hygiene e á elegancia.

O segundo pavimento contem as secções de duchas para homens e senhoras, a secção de Thermotherapia, a secção de Pulverisações e de Inalações sulfurosas e medicamentosas, o Instituto de Mecanotherapia, a série Especial, a roupariá, a administração, o gabinete do Director.

Continua na pagina 35

Pois o atropelado profissional faz comsigo o que o velho fazia com o filho. Com tal habilidade, porém, que a desgraça nunca vae alem da perna quebrada. Depois... o resto se advinha: hospital, férias prolongadas, dinheiro no bolso para arriscar na centena do automovel...

SERGIO MILLIET

ANNO XVIII
NUMERO 404

SETEMBRO 1931
2.a QUINZENA

FUNDADA POR GELASIO PIMENTA

REDACÇÃO - ADMINISTRAÇÃO: RUA JOÃO BRICCOLA, 10 - 2.º ANDAR (PREDIO PIRAPITINGUY)

TELEPHONE: 2-3471 — CAIXA POSTAL 2874 — SÃO PAULO

DIRECTOR - PAULO PINTO DE CARVALHO

O Apologo dos Ponteiros

O rapaz deu corda ao relogio, olhando tristemente os dois ponteiros. Eram seis e pouco. Havia muito que as duas hastes de metal notavam nelle aquella tristeza inoccultavel. Soffria, com certeza. E como eram velhos conhecidos, elle e os dois ponteiros, a tristeza de um contagiava os demais.

— E se nós conseguissemos uma hora de felicidade para elle? perguntou o ponteiro dos minutos, de longe, para o ponteirinho bojudo.

— E' verdade... Vamos procurá-la?

— Vamos! disse o primeiro.

E puseram-se a andar.

— Para a frente?

— Está claro, disse o ponteiro das horas, cheio de bom senso.

— Então toque!

Seguiram.

Minutos depois os dois se encontravam.

— Alguma novidade?

— Qual! Elle continua triste! Viu o geito delle quando nos consultou, inda agorinha?

— Estará esperando alguma coisa, a felicidade, talvez?

— Quem sabe lá?

— Vamos correr então, para apressá-la?

Correram.

Pouco depois o rapaz do relogio consultava-o. Arregalou os olhos de espanto. Apanhou o primeiro taxi. Chegado ao destino, um relogio de praça publica, sarcastico, desmascarava ao pobre reloginho de bolso: estava uma hora adeantado.

Uma blasphemia.

— Droga de relogio! Sempre adeantado! Ainda o jogo fóra!

Os dois ponteiros encolheram-se tremulos. Diminuiram a marcha.

Devagarinho... Devagarinho... Sentiam que se aproximava a hora da felicidade. Iam pé ante pé surpreendê-la. Quando chegasse a Felicidade, os dois se deteriam, para retê-la, para que não fugisse. E o rapaz do relogio seria o homem mais feliz do mundo...

Nova consulta. O rapaz encaminha-se calmamente para o destino. O relogio de praça, porém, muito grande, lá do alto, pareceu gargalhar, de novo, agitando os ponteiros: o reloginho de bolso estava uma hora atrazado.

Nova blasphemia. Um uivo de dor.

— Maldicto relogio! sempre atrazado!

E atirou-o desesperado contra o chão.

* * *

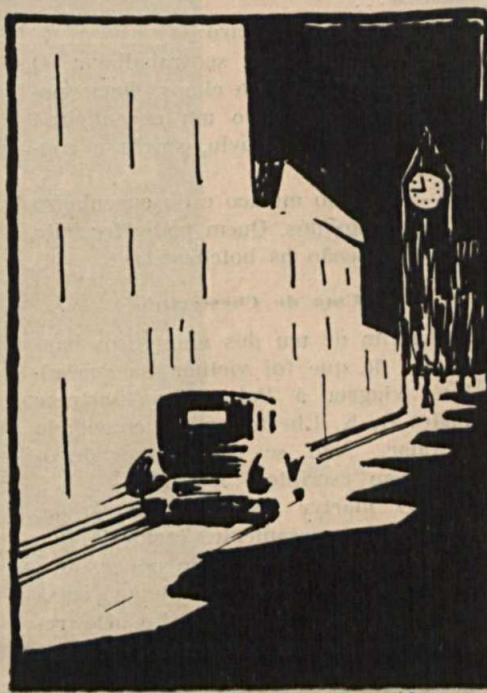
O vidro partido, ainda pulsava debilmente o coração do pobre relogio sentimental. Os dois ponteiros se entreolharam compungidos. Boa vontade não faltara...

— A gente queria marcar a hora da felicidade, disse um delles.

— Quando ella chegasse, a gente parava, para ella não fugir, disse o outro.

Mas o ponteirinho saltitante dos segundos, que o rapaz nunca olhava, e que acompanhava tudo em silencio, sorriu:

— Vocês haviam de chegar sempre cedo ou tarde demais... Porque o momento da felicidade quem assignala sou eu...

ALVARO MORENO

Expediente d' "A Cigarra"
Redacção - Administração:
RUA JOÃO BRICCOLA N.º 10 - 2.º And.
(Predio Pirapitinguy).

DIRECTOR: Paulo Pinto de Carvalho
GERENTE: Armando Bertoni

Correspondencia — A correspondencia deve ser enviada para a Caixa Postal 2874.

Recibos — Os recibos só serão validos quando assignados pelo Gerente ou pelo Director.

Assignatura — O preço da assignatura annual é de Rs. 24$000 (vinte e quatro mil reis).

Clichès — Em vista de seu grande movimento de annuncios, **A Cigarra** não se responsabilisa por clichés que não forem procurados dentro do prazo maximo de **tres mezes.**

AGENTES NA EUROPA
E. BOURDET & CIE.
9, Rue Tronchet, PARIS
19, 21, 23, Ludgate Hill
LONDRES

AGENTES NA INGLATERRA
LATIN-AMERICAN PUBLICITY SERVICE LTD.
London, 5 New Bridge Street - N. - C. - 4.

SUCCURSAL EM BUENOS AIRES:
Lima & Cia., Calle Tacuari 1542

Succursal no Rio de Janeiro:
"A Eclectica", á Av. Rio Branco, 137, Caixa 5292 — Phone Central. 3246.

Que é optimismo

Todo mundo sabe que Chicago é a capital do crime. Lá impera Al Capone com toda uma legião de «gangsters» e «racketeers».

A proposito, o General Pershing lembrou-se definir assim o optimismo:

— E' um individuo que vae a Chicago sem ter feito previamente o seu seguro de vida.

Primo de Rivera e as Faculdades

Ainda no tempo de Primo de Rivera, dizia um estrangeiro a Miguel de Unamuno:

— Parece que toda a mocidade universitaria é unanime contra Primo de Rivera, não é verdade?

— Oh, disse Unamuno, ha muito tempo que De Rivera perdeu todas as suas faculdades.

O "Hamlet" atrazado

Toda gente conhece bem a superioridade universal dos americanos. Ha pouco tempo esteve um delles, riquissimo, em visita a Londres. O cicerone, um inglês de espirito, levou-o certa noite ao theatro. Logo no inicio da representação, o americano agitou-se no logar:

— Espere ahi, Harry. Isto não é o «Hamlet»?

— Exactamente. E dahi?

— Como vocês estão atrazados aqui em Londres! Eu assisti essa peça ha tres annos em Nova York...

A primeira profissão

Discutiam na Russia um medico, um engenheiro e um bolchevista sobre qual teria sido a primeira profissão que houve no mundo. Disse o primeiro:

— Foi a de medico. Eva foi tirada de uma costella de Adão. Quem poderia realizar essa operação? Só um medico...

Disse o engenheiro:

— Antes disso já se trabalhava. O mundo foi tirado do chaos. Quem podia fazer isso senão um engenheiro?

O bolchevista ouviu, sorriu e concluiu:

— Antes do medico e do engenheiro já haviamos nós. Quem podia ter feito o chaos senão os bolchevistas?

Uma de Chesterton

Ao fim de um dos numerosos banquetes de que foi victima na sua ultima viagem á Polonia, o escriptor inglês G. K. Chesterton foi convidado a falar. Não se fez de rogado o malicioso escriptor. E falou:

— O martyr esperava na arena, orando fervorosamente, certo de que deveria morrer dentro de poucos instantes se não sobreviesse alguma coisa de miraculoso para salval-o. De repente, teve uma inspiração. Mal se abriu a porta de ferro, saltou na arena um leão. Aspirou o ar, agitou a cauda, sacudiu a juba e rugiu. Quando viu o homem, dirigiu-se para elle fleugmaticamente, implacavel, disposto a estraçalhal-o, quando o homem lhe fez signal de que tinha alguma coisa a dizer. A fera apurou o ouvido e o homem lhe disse duas ou tres palavras. Estava feito o milagre. Viu-se o leão recuar, recuar, lentamente, e ir acoitar-se no outro extremo da arena.

Nero deu uma ordem. O martyr foi arrastado á sua presença.

— Que disseste? Que palavras magicas pronunciaste, para que o leão não te devorasse?

— Ó Cesar, respondeu elle, disse simplesmente: «Não te fies nelles. Depois do repasto elles te convidarão a fazer um discurso».

Escrupulo Inglez

Na Inglaterra não se brinca com os calumniadores. E mesmo perante os tribunaes as accusações são feitas com a maior reserva. Num banquete que lhe foi offerecido Lord William Tyrrel contou a proposito a seguinte anecdota:

— Travou-se uma vez o seguinte dialogo deante de um Tribunal: — Então, perguntou o homem que fôra trazido perante os juizes pelo velho Tom, o sr. me accusa de haver roubado e depois morto aos seus patos?

O velho Tom sorriu ligeiramente:

— Não digo que o sr. os matou. Digo apenas que o sr. fez todo o possivel para fazer-me acreditar que os matou.

— Como assim?

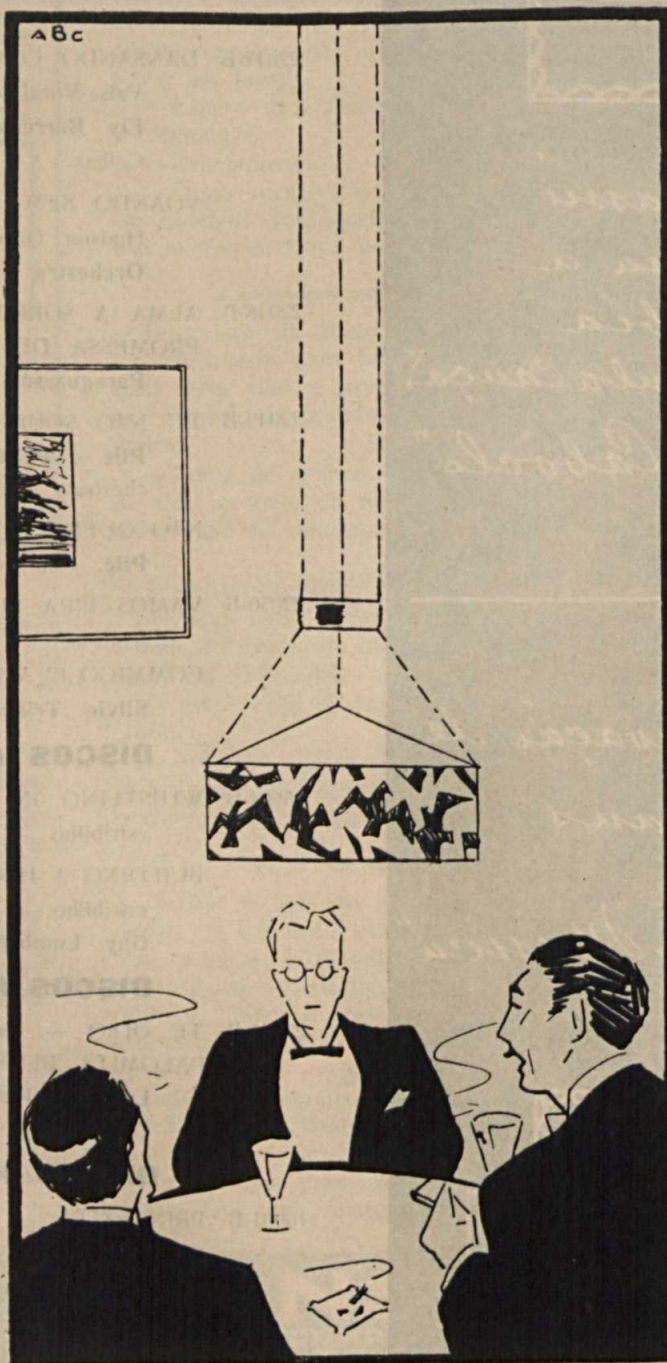
— Primeiro, vi o sr. entrar na minha herdade armado com um fuzil. Depois, deu dois tiros contra os patos, que eu vi cahir. E por fim vi os dois patos mortos na sua bolsa de caçador.

UM MINUTO PARA ETERNIZAR

CONTO DE ORIGENES LESSA

Haverá na vida humana um minuto digno de eternizar? Em todas as fontes imaginarias de felicidade, na gloria, no amor, no vicio, na virtude, haverá alguma cousa que valha a pena prolongar? A historia de X, Y e Z, neste conto, mostra uma possivel solução.

X, Y e Z conversavam. Poltronas, mesas, quadros. Sobre a vida. X considerava a existencia um martyrio. Y, uma injustiça. Z, uma imbecilidade. Vivemos á procura tola e inutil da ventura. Atoa. Porque ha milhares de annos homens e mulheres de todas as raças e em todos os tons, têm pedido em vão a assistencia impossivel de uma felicidade que não chega. E X, o mais eloquente e o mais amargo, maldizia homens e deuses. Por que viver? Por quem? Para que? Era horrivel! Se a gente procedesse a um inquerito universal, rigoroso, honesto, para saber quem preferia não ter nascido, seria tal o coro de «eus» em todas linguas da terra, que abafaria o ruido de todas as explosões e ultrapassaria a somma de todos os sons já produzidos desde a fundação do mundo.

O homem, dizia X, pode não querer morrer, pode temer a morte. E' esse o caso de 98 % da humanidade. E' o pavor do mysterio. E' o apego instinctivo á miseria da vida. Mas qualquer homem, todos os homens, sem excepção, seguramente, haviam de preferir não ter começado. A vida não vale a pena. Miserias physicas e moraes, torturas intellectuaes, injustiças, ingratidões, para não falar na fome, nas colicas hepaticas, nos chylos mal feitos, nas indigestões, nos panaricios, enchem todas as vidas. A coisa mais tola do mundo é acreditar na felicidade. Não ha disso. E' pura invenção poetica. Ella ás vezes finge que vem. Apparece no horizonte, embriaga a gente por um minuto divino e, de repente, pfff... sumiu! Não faz morada com a gente.

X, Y e Z conversavam...

E apesar de tudo, por suprema ironia, temos um *béguin* estupido por ella. Não queremos morrer. De forma alguma. Má, injusta, cretina, venha a vida, haja vida, que a gente vive, maldizendo, mas vivendo!

Talvez o mais doloroso entre as dores da vida seja, exactamente, a perspectiva da morte.

X sublinhou a frase com um sorriso e calou-se.

Y tomou o ultimo gole, jogou o chapéo na cabeça e sahiu, pensativo.

Z observou o caminho que o amigo seguia, certificou-se de que Y não ia tão cedo para casa, e correu ao telephone:

— Allô! Allô! Mme. Y está?

Estava. Trocaram duas ou tres palavras e Z sahiu ás carreiras.

* * *

Nunca ninguem soube comprehender, nem Y, nem Z, a mudança operada no espirito de X depois daquella noite. O sigillo. aliás, era condição imposta pela fada A, que o procurara. O facto é que X vivia numa especie de allucinação, como num mundo estranho, fóra da vida, á procura de alguma coisa, que ninguem sabia o quê. Parecia fóra de

si. Não parecia pisar o solo. Como que o mundo e as coisas eram vistos por elle através de um prisma novo.

E o interessante é que tudo lhe corria ás maravilhas. Uma semana depois recebia uma herança de milhares de contos. Atirava-se ao jogo, arrebentando bancas, com uma sorte phenomenal. Ganhou tres sortes grandes em seguida. Entrou para a politica e foi logo indicado, quasi sem saber como, para a presidencia da Republica. Formou-se uma corrente fortissima a seu favor e, se elle não desistisse espontaneamente, acabaria «braço-forte» na certa. A sorte o protegia sob todas as formas, em todos os terrenos. Mme. Y e Mme. Z, que até então se mantinham irreductiveis ás suas investidas, acabaram por entregar os pontos. Apesar da sua fortuna, todas as cocottes da cidade, as mais chics, pelo menos, queriam-no desinteressadamente. A Margot não consentia em receber nem mesmo um collarzinho de duzentos contos. A Mignon não permittia que elle pagasse uma simples passagem de bonde...

— Não, chéri, não permitte, mon amour!

Ninguem lhe pedia dinheiro emprestado. Cem mil réis que emprestara quasi á força a um amigo em apuros, foram pagos religiosamente no dia aprazado.

X. possuia a adega mais rica das Americas. Vinhos seculares, essencias finissimas, licôres estranhos. Tinha a collecção mais completa das differentes bebidas de todos os povos. Bebidas selvagens e civilizadas, todas ellas estavam representadas na adega famosa de X.

Livros. Edições rarissimas. Os poemas mais lindos. As paginas mais bellas. Com um gosto raro formou, nos seus palacetes de São Paulo e do Rio, na sua vivenda do Guarujá e nas tres casas de campo que possuia, os ambientes de mais conforto e de mais elegancia que um brasileiro já imaginou.

E, curioso, tinha uma saúde inquebrantavel, a esposa, moça, bonita, gostosa, era de uma fidelidade a toda prova, — ausencia, infidelidades, pancadaria, — e possuia, mesmo, dois ou tres amigos que, muitas vezes, chegavam a discordar das suas idéas!

Com tudo isso, elle conservava aquelle ar de quem procurava alguma coisa.

Millionario, moço, cheio de saúde, amado, amando, — amado e amando a granel, — intelligente, culto bonito, viajado, X. não conseguia ser compreendido nem pelo casal Y., nem pelo casal Z., nem pelas demais letras do alphabeto, casadas, acasaladas ou separadas.

— Procurava o que, se tinha tudo? perguntavam ellas.

E era essa a impressão de toda gente: elle bebia, amava, lia, ouvia (musica, beijos, palavras) á procura de alguma coisa. Entrou pelos dominios do ether, da cocaina, da morphina, da maconha, da «marijuana», de todos os estupefacientes, sempre com o seu modo alheiado, estranho, incommunicavel, de quem procurava alguma coisa.

— O que?

Ninguem sabia.

* * *

Uma noite, annos depois, uma noticia estranha electrizou a cidade. Correu como o fogo num caminho de polvora: X. acabava de rebentar os miolos!

Y., Z., e as respectivas madames, bem como innumeros outros, acorreram ao luxuoso palacete. Madame X. enloquecera de dor. Havia uma impressão de fim de mundo naquella catastrophe imprevista, que enchia de dor os proprios herdeiros, amigos sinceros de X.

Noticias. Providencias. Vae-vem de telegrammas. E a vigilia.

* * *

Alta noite, para espanto dos casaes Y. e Z., na sala mortuaria de luzes tragicas, surgiu, numa visão muito branca, a fada A.

Atravessou a sala de mansinho. Olhou longamente o cadaver, ainda bonito, apesar da bala no craneo. Estava placido e calmo, pela primeira vez.

A fada A. voltou-se, depois, para os dois casaes compungidos. E, sorrindo, no seu modo leve, commentou:

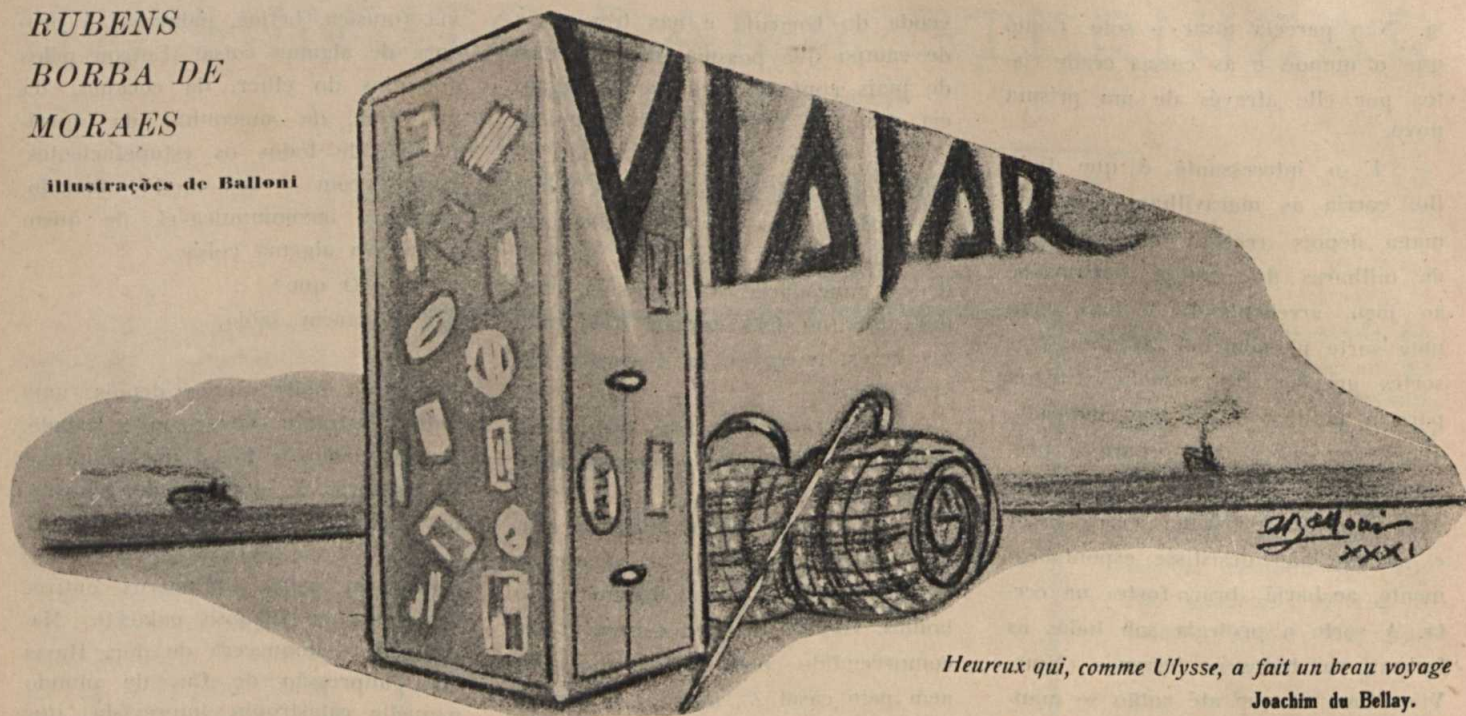
— Elle achou, afinal... Eu lhe havia promettido a eternidade no dia em que X. achasse o primeiro minuto digno de eternizar.

Madame Z., com odio, sem compreender, saltou do logar:

— Mas se elle morreu? Que minuto foi esse?

— O minuto da morte, explicou a fada A., emquanto se dirigia ao telephone para pedir um taxi.

RUBENS BORBA DE MORAES

illustrações de Balloni

Heureux qui, comme Ulysse, a fait un beau voyage

Joachim du Bellay.

Fugir... ir embora... viajar...

E' o eterno thema do poeta desilludido, é a ambição de quem sabe vêr, é a esperança daquelles que falharam na sua terra, é o divertimento do rico, é o recurso do pai de familia quando a filha quer casar contra a sua vontade...

Ha homens que viajam para fugir de si proprios. Na viagem procuram a libertação de um «eu» intoleravel. São os homens torturados que se procuram, almas inquietas e insaciaveis. Querem tudo e não querem nada. Não se acharam, não descobriram em si aquella paz interior e limitada de quem se conhece. Assim Loti que atravessou o deserto, Gauguin que fugiu para Tahiti, Baudelaire que escreveu «l'invitation au voyage», Silva Jardim que quiz entupir o Vesuvio...

Outros viajam a negocios. Rapidos, saltam dos trens internacionaes para transatlanticos, telegraphando, calculando, dando e recebendo ordens. Para elles não ha paisagem, não ha curiosidades, não ha imprevistos, não ha a triste quadrinha da partida. E sempre aquelle ar preoccupado e o gesto infallivel, mecanico, de consultar o relogio. São como os guardas de museus magnificos que não olham mais as preciosidades expostas.

———

O inglez viaja para provar a si proprio que a Inglaterra é o primeiro paiz do mundo, o francês á procura do «exotico», o italiano para ter mais um motivo de gesticular, o allemão com um fim util e determinado, o americano para dizer que viajou. E o brasileiro? Porque viaja o brasileiro? Para voltar mettendo a boca no Brasil.

———

Uns viajam sós e encontram sempre outro companheiro que tambem vae só. Dahi nasce aquella camaradagem ephemera e commoda dos solitarios. E quando todos dormem a bordo e o deck vasio extende dezenas de braços de cadeiras para o luar, os solitarios lado a lado conversam. Se é um casal, sente-se entre elles aquella cousa mansa e quente, triste e profunda, que é o amor romantico. Amam-se convencidos, jurando, mas quando chegam ao porto, aquelle amor que parecia eterno segue no navio e elles ficam indifferentes, alheios, sem geito um em frente ao outro, numa despedida fria e encalistrada.

Se são dois homens que, estendidos em duas cadeiras visinhas fumam e conversam, é confidência na certa. Tudo o que ha de mais intimo, de mais secreto, na vida de ambos, elles despejam numa ansia subita de intimidade. Emquanto um conta, o outro fica afflicto para que elle termine. Precisa tambem contar seu caso. Se um delles confessa um crime, o outro, ansiado, espera

O inglêz viaja para provar a si proprio que a Inglaterra...

para contar tambem um caso parecido, para inventar se fôr necessario. A fim de se encorajarem, acham natural as cousas mais reprovaveis, banais as cousas mais incriveis, mentem, imaginam casos semelhantes que já aconteceram consigo.

Estranho poder das noites em alto mar! Um medico de bordo disse-me, uma vez, que era devido ao iodo do mar. Mas quem acredita na sciencia dos medicos de bordo? Não são nem bem medicos, nem bem marinheiros. Se são moços, divertem-se com as passageiras faceis, se são velhos jogam bridge. Se por uma desgraça houver uma doença de verdade correm a pedir soccorro, entre os passageiros, a um medico de facto.

Aliás todo medico de bordo é burro. Todos. Não ha excepção. Conheci um que era assombroso. Um dia, para assustar uma velhinha medrosissima, começamos a falar nas facilidades, nas probabilidades enormes, na quasi certeza, que todo navio tem de naufragar sem mais nem menos, de repente. Quando a velhinha já estava bem apavorada e disposta a não tirar nem para dormir o salva vidas, diz o medico de bordo com a maior calma: «Qual, os senhores estão exaggerando. Não se morre assim, eu já naufraguei tres vezes.» Eu tive a sensação exacta do homem que está esperando o bonde e vê passar um dinosauro. Estava na minha frente essa cousa que só existe nos romances, nos telegrammas dos jornaes, essa cousa quasi absurda de tão rara: um náufrago! Ansioso, não me contive. Fiz perguntas, queria ouvir de uma victima a descripção de um naufragio. Mas o medico, entre duas garfadas respondeu com a boca cheia: «Uma vez foi no golfo do Mexico, outra foi no mar da China e a terceira na costa do Chile. Este naufragio. Mas o medico, entre duas garfadas, respondeu mulher ficou muito afflicta.» Só. Não consegui nada mais. Nada. Convenci-me então de que todos os medicos de bordo são burros. Todos. Não ha excepção. Nem os que nunca naufragaram.

———

Para aquelles que não tem imaginação, que saem de casa com medo de se perderem, para os homens prudentes, cheios de criterio e que não gostam de fazer as cousas sem pensar bem e calcular muito, para os homens que pensam que nunca são roubados, é que o allemão methodico fez o Baedecker. Ali está escripto o que é preciso não deixar de ver, como se deve olhar e qual é a opinião que se deve ter. Entrando no hotel recommendado pelo guia, lembra-se a lição n.º 3 do Berlitz: «Na hospedaria». Emquanto o viajante espreme o cerebro e pergunta ao porteiro de accordo com a lição: «E' esta casa um albergue?». Surge um interprete que se dirige a elle no mais puro calão da santa terrinha e arranja tudo. O' inutilidade dos manuais de conversação!

Para aquelles que, como animaes, só andam em bando, existem os cruzeiros. E' a especialidade dos americanos. Aliás viajar para o americano é uma simples questão de preço. Tantos dollares? A Europa com dez dias em Paris. Quer gastar mais? Excursão á Noruega com direito a fjords. Com um supplemento de dez por cento. a companhia garante uma aurora boreal e o sol da meia noite. Não faz questão de gastar mais ainda? Então dê a volta ao mundo. Cento e tres dias dos quais um terço em terra. Na India um verdadeiro fakir, contractado especialmente para o cruzeiro, fará diversas demonstrações. Em Ceylão por dois dollares compra-se um pello de elephante sagrado. No Japão (plena primavera): cerejeiras em flor. A bordo vai um professor da universidade de Howard, que fará conferencias sobre os preços das cousas nos paizes visitados.

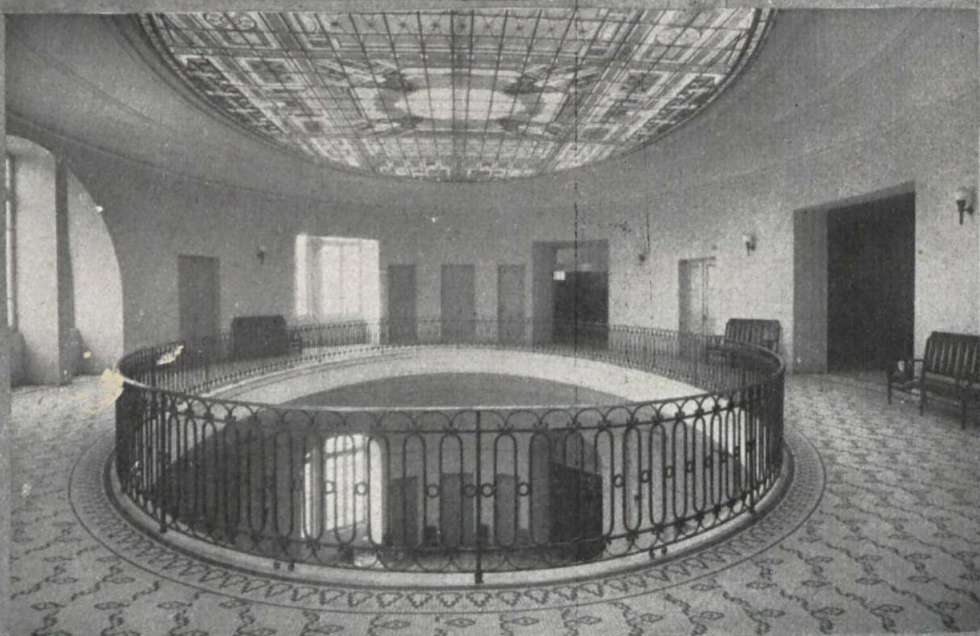
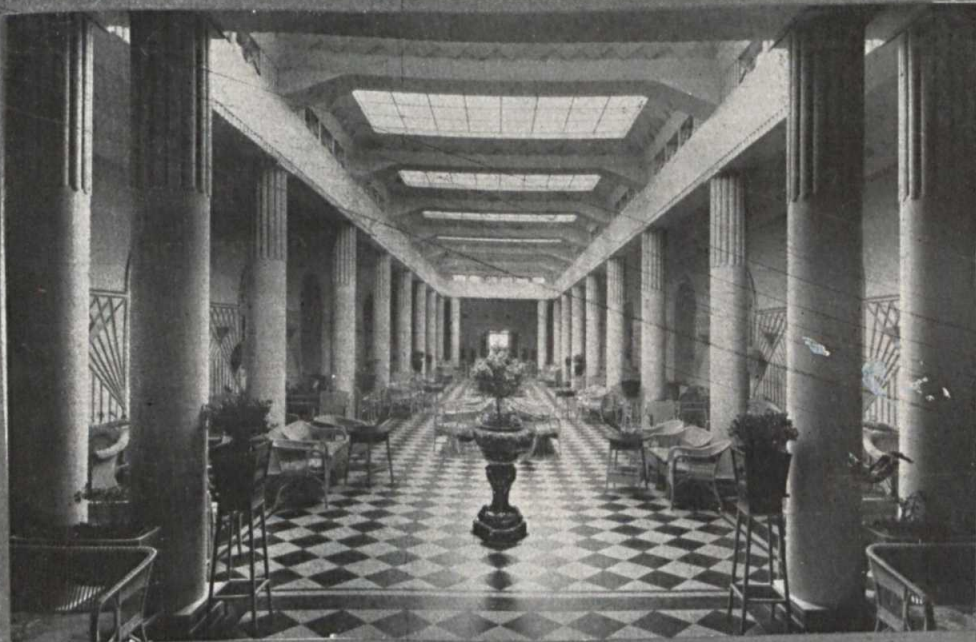
———

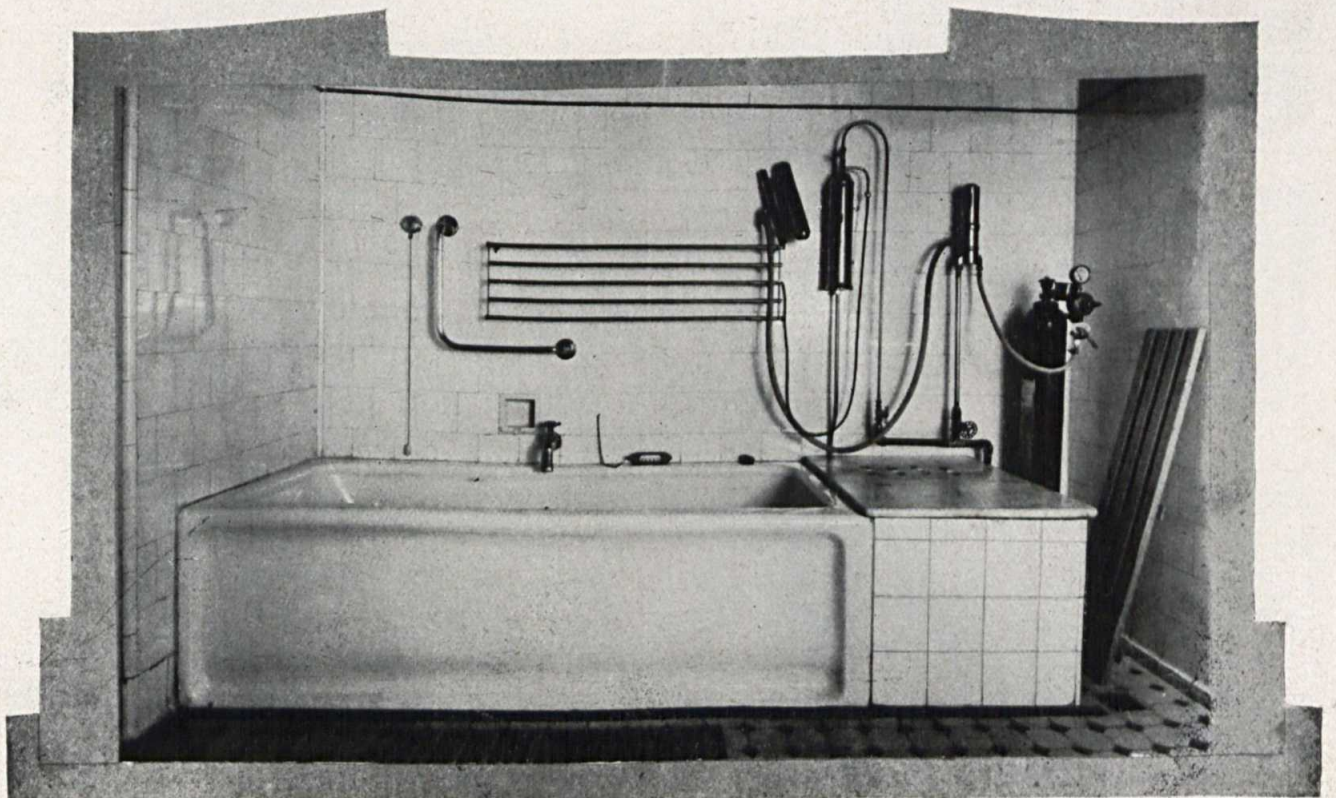
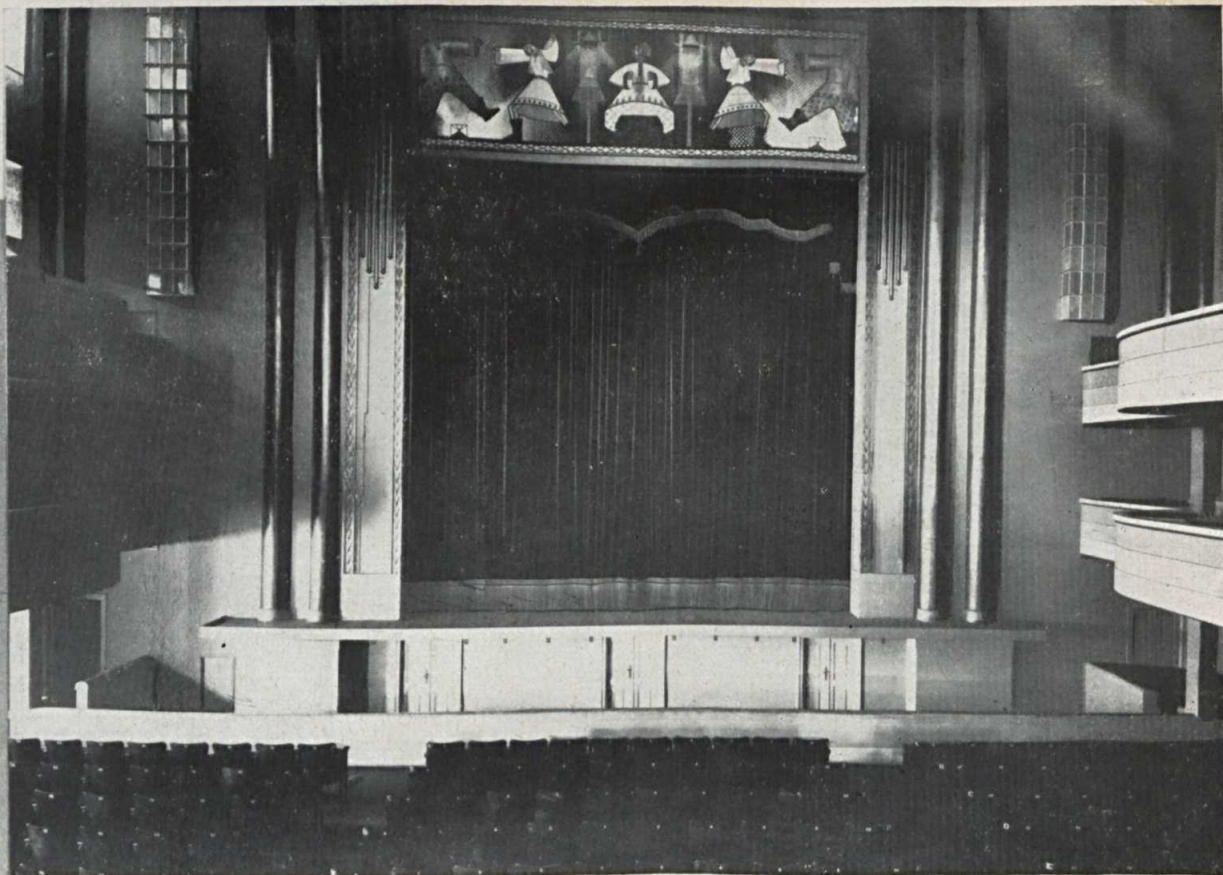
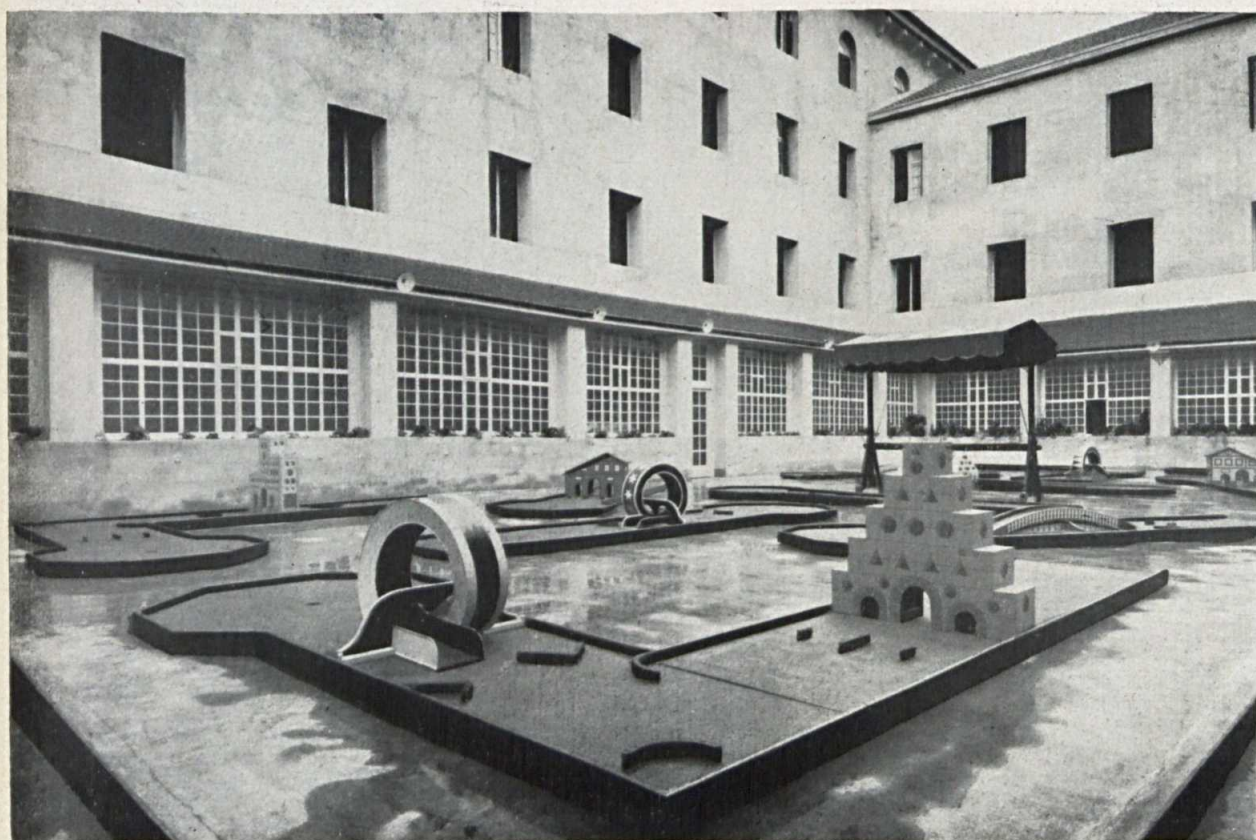
Só ha uma viagem mais ridicula que o cruzeiro. E' a viagem de nupcias. Invenção de burguezes apatacados e sem imaginação. Ignorantes, timidos, sem capacidade de paixão, enganam-se a si proprios, illudem um amor de camizola de dormir com paisagens differentes. Casam-se burguêsmente, com marcha nupcial e photographia e, para illudirem aquelle acto prosaico, aquelle amor sem amor, partem para pôr um pouco de fantasia numa vida burocratica. Elle atarefado com malas novinhas, ella com um kodak caçador de saudades. Partem juntinhos, não se largam um segundo, fazem-se amabilidades excessivas, tudo para enganarem a hora proxima das discussões por causa de dinheiro, das queixas e brigas por causa de comida ruim, dos «não me amole» e dos «não diga asneiras». Mas o deus das viagens vinga-se sempre e é na hora de tomar o trem para a volta que surge a primeira discussão por causa do atrazo da mulher, da mala que não quer fechar, da chave da valise que ninguem sabe onde está, das escovas que ficaram para fóra. Ella chora. Elle se irrita, perde o controle, dá gorgetas erradas, não acha as passagens. Ella engole as lagrimas por causa dos criados. E' a primeira briga. E no trem, em silencio, fazem, cada um de seu lado, duras reflexões sobre a realidade. Morar juntos... até morrer...

Só ha uma viagem mais ridicula que o cruzeiro...

POÇOS DE CALDAS

DA ACTUALIDADE

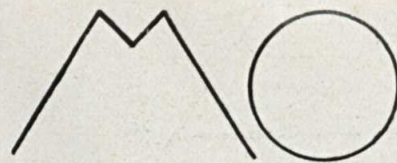
As installações de Poços de Caldas (Palace Hotel, Thermas, Casino): — toda a grandiosidade aristocratica dos palacios, com seus salões, seus "halls", suas galerias, seus jardins-de-inverno ...

. . . evocando, no seu fausto e na sua discreta elegancia, o nobre, monarchico perfume do passado daquellas Caldas da Imperatriz . . .

. . . mas palacio que, sem a rigidez fria e solenne dos interiores que não têm alma, se allia harmoniosamente á repousante sensação do lar . . .

. . . do lar moderno, bem intimo no aconchego familiar da sua commodidade e na saudavel frescura dos seus tons, e todo feito do mais actual conforto . . .

...ao qual não falta, para as horas vadias da vida, a sempre bem-
vinda distracção do theatro, do cinema, do esporte, do ar livre ...

GAROTOS MODERNOS

Maria do Carmo, filha do Dr. Floriano Guimarães.

Victor, filho do Dr. Heitor Freire de Carvalho.

Sylvio Portugal Filho e Olympio Portugal Netto, filhinhos do Dr. Sylvio Portugal.

Photographias de Max Rosenfeld

Coisas Novas e

Um sabio que foi rei e enriqueceu o patrimonio da humanidade com uma porção de pensamentos mais ou menos sabios, disse, e depois delle toda a gente repetiu, que nada havia de novo debaixo do sol. As coisas vão e veem, como eternas variações sobre eternos themas.

O que elle não sabia, talvez, é que era nesta coisa de modas que

Lindo, este novo penteado de noite. Ondas leves, terminadas com um delicioso arranjo de flores, deixando a cabeça muito pequena.

E' de Jeanne Lanvin a magia bem primaveril deste chapéu, que fez grande successo numa Festa de Elegancia, em Paris.

Coisas Velhas

estava a maior e a mais colorida confirmação das suas palavras.

Nós estamos voltando a dezenas ou centenas de annos atraz. E elles e ellas fazem-se preciosos e encantadores, ellas principalmente, graças a Deus, sob modelos que a gente olhava, não ha muito, com essa ponta de ironia que nos merece tudo o que está fora de moda... emquanto a moda não volta.

E' em crepe-georgette negro este maravilhoso vestido de soirée; decote original, bem accentuado. Saia plissada.

Interessantissimo, este vestido de crêpe-da-china negro, cujo pequeno decote em renda negra dá uma nota jeune-fille *á sumptuosidade do vestido. Saia em pregas.*

REPOR

A inauguração da Associação Paulista de Medicina.

Damas da nossa sociedade que abrilhantaram a sessão.

A homenagem da classe commercial ao dr. Abelardo Vergueiro Cesar.

Visita do secretario da Educação á Escola Normal Feminina de Artes e Officios.

TAGEM

Dois aspectos da kermesse de Santa Therezinha

Á esquerda: Baile na Associação dos Empregados no Commercio.

O auditorio do ultimo sarau do Gremio «Dr. Gomes Cardim».

A alta sociedade de Araraquara, num baile memoravel.

CINEMA

Dizem que o inventor do cinema acabou na miseria. Foi justo. Era um simples plagiario. As coisas boas quem inventou foi Deus, ninguem mais.

O cinema são ellas. E' a Clara, a Marlene, a Joan Crawford. Especialmente Joan, que vae fazer todo mundo andar á roda, em «Quando o mundo dansa».

HUMILDADE

Já se disse de Cleómenes Campos que elle viera rehabilitar os versos de amor, tão maltratados por legiões de poetas grandes e pequenos. Elle ainda acredita no amor, na mulher, no luar, no soffrimento. Consegue extrahir, desses velhos filões, uma poesia suave, humana, de gestos nobres. Mas não é apenas um poeta de amor. Prova disso, "Humildade", o livro que acaba de publicar. Prova palpavel, ao alcance da mão, os versos desta pagina, pertencentes a esse novo livro. De melancolia, de sentimento, de contemplação. De uma grande visão "tagoreana" das coisas. De um grande poeta.

Ti Reymundo

— A viuva de ti Reymundo
diz que elle está no céo. E' verdade, mãezinha?
— E' verdade: morreu... Descansou deste mundo!
— Eu tinha um medo delle! Aquella vista cega...
E aquella barba grande, então? Que medo eu tinha!
Quando eu morrer, não quero ir mais pro céo, mãezinha,
senão elle me pega...

Ingenuidade

Se o céo fosse de vidro, hein, mãe, a gente via
os anjinhos, vôvô, Nossa Senhora...
Como será por dentro, hein, mãe? Eu não entendo.
Assim como por fóra?
Ah! quem me dera ver!... Você tambem queria?!
Mãe, por que Deus não faz o céo de vidro, agora?
Era tão facil... Peça! Elle acaba fazendo...

De profundis

Meu pobre coração vive, coitado, cheio
de maguas, quasi transbordando:
sinto-o dentro de mim pesar, de quando em quando,
como se fosse um coração alheio!
— Mas que allivio, Senhor, agora!...
Estou chorando...

No Pretorio

...Pilatos, afinal, interrogou a Christo:
«Que é a Verdade?» O Senhor não respondeu:
olhou-se como quem não tinha sido visto.
Foi como se dissesse: «A Verdade sou eu.»

Á minha sombra

Ainda tenho um consolo, ó minha sombra amiga:
acompanhas-me sempre em minha solidão.
E és tão boa, que não te queixas de fadiga,
não tens uma hora só de hesitação.
Mas conheces-me tanto, ó verdadeira amiga,
que prevês minha queda e andas forrando o chão...

Do livro «Humildade».

As Noites de Arte d' "A CIGARRA"

Uma voz. Uma voz encantadora. É o 'it" das noites de arte. É d. Emma da Rocha Britto, que tornou inesquecivel o ultimo sarau da "A Cigarra".

Agonia da Chuva

Ao ORIGENES LESSA

A chuva cái, pinga-pingando, e escorre
pelo telhado de minh'alma... Existe
da vóz da chuva um longo adeus que morre
dentro do peito de quem vive triste.

Um lamento profundo no ar disperso
derrama-se nos ténues fios dágua...
Canta, chorando, o coração num verso...
chora, cantando, a minha immensa mágua...

Chuva! piedade do Senhor á terra.
Chuva! consolo bom para quem sonha.
Que mundo de illusõis em ti se encerra!
e a chuva cái, monótona e tristonha...

A alma soluça, em êxtasi, contricta.
E o coração no exílio soluçando,
em surdina de amor, sente e palpita
na evocação de quem ficou chorando...

No «xuáaa...» dormente, lânguido, pausado,
ha um quér que seja de manhãs perdidas.
— a cristalização de um Bêm amado
na téla azul das illusões queridas...

A chuva é o pranto de quem sófre a magua
da saudade de um sonho venturoso:
— Ha uma illusão em cada pingo de água
e um pingo de água em cada olhar saudoso...

JONNY DOIN

Setimo céo

Você quer saber
Porque estou tão triste?
Por você não pode ser....
...Pois você nem existe...

ASTRÔ SINTRA

Canção

(Especial para "A Cigarra")

Já não creio, rapariga,
no que nos diz teu olhar,
naquella ventura antiga
com que, ainda hoje, rapariga,
queres a gente enganar...

— Já não creio na cantiga
mentirosa desse olhar!

Já não creio, rapariga,
no que nos diz tua voz,
naquella doçura antiga
que em teus labios, rapariga,
vive a sorrir para nós...

— Que saudade, rapariga,
desse olhar e dessa voz!...

CORRÊA JUNIOR

Uma palestra com Alice Lardé de Venturino

A poetisa Alice Lardé Venturino, vista pelo pintor Bernardino de Souza Pereira.

Alice Lardé de Venturino é uma das maiores poetisas da America. Larga e vigorosa inspiração, grande e profunda cultura, colhida directamente na observação dos homens e dos povos, tendo percorrido passo a passo os paizes mais diversos, a esposa do illustre sociologo Agustin Venturino trouxe, para as suas seis collecções de poemas, os themas e os motivos mais nobres da nossa America. Versos de amor nos seus primeiros livros, orientação mais ampla, mais humana, de caracter social, nos livros seguintes, a poetisa de *Belleza Salvaje* e de *El Nuevo Mundo Polar*, foi proclamado por Santos Chocano, Ortega y Gasset, e outros, uma das maiores da lingua hespanhola. Cleomenes Campos, que a traduziu, chamou-a a maior voz da America, quando fala de amor.

E foi assim que ella contou, para «A Cigarra», a sua formação espiritual.

«Sobre mim actuaram uma multidão de coexistencias excepcionaes. Meus paes eram francezes e intellectuaes. Minha mãe escrevia, exerceu o magisterio, era culta e foi sempre uma optima dirigente de casa e de negocios e meu pae, por sua parte, desenvolveu suas fortes inclinações de homem de sciencia, como de polyglotta, comparado e meditando tudo o que estava a seu alcance. E é assim que, nascendo eu na America Central, o francesismo e o intellectualismo de meus paes tiveram duas consequencias. Uma, que fui subtrahida ao meio ambiente e a sua rotina e seu atrazo não puderam perturbar-me. Outra, que por herança de sangue e pelo reflexo da cultura domestica, segui as minhas orientações naturaes e as idéas e principios de meus paes. Foi isso que me fez algo áparte no ambiente vacillante, indifferente e chaotico de Salvador, o menor paiz do continente e a região centro-americana mais abandonada, pobre e inculta. Quasi todos meus irmãos são intellectuaes, professores, universitarios e investigadores e minha irmã mais moça tambem escreve. Que doloroso contraste! Na debilidade cultural do meio, a força affectiva e intellectual de minha familia foi o meu maior estimulo.

Mas a força cohesiva de meu lar quebrou-se um dia e fiquei orphã. Foi então que, com a falta de nossos paes, tivemos, eu e meus irmãos, que accentuar a nossa personalidade e contar apenas com as nossas proprias forças. Emquanto lutavamos e soffriamos, experimentado o peso da realidade, fomo-nos fazendo mais reflectidos, mais logicos, mais metodicos. A lucta angustiosa desse punhado de creanças desamparadas que eramos, permittiu-nos um conhecimento reciproco, uma permuta de affectos e impressões, observações e suggestões, formando assim uma escola viva de energia e de realidade crua, a mais propicia para objectivar e captar tudo que ha de profundo na natureza e no ser humano, em miserias e virtudes. Por isso, creança ainda, aos dez annos, acicatada pela dor, comecei a comprehender a dos outros e, guiada por meus paes em excurcursões campestres, iniciei-me na contemplação e no amor das bellezas naturaes. Logo, não é de estranhar que, por revivescencias, se formasse em meu cerebro uma especie de extratificação, ao lado de um formidavel estimulo. Porque meus irmãos, ao esforçar-se para adquirir uma cultura e seguir uma orientação scientifica elevada, inconscientemente me compelliam a mim tambem e eu, talvez mais vibratil e mais expansiva do que elles, contagiava-os pela minha parte. *(Continua na pag. 34)*

CARTA DE MULHER

A UMA FEMINISTA

Você não vá se irritar com a minha falta de enthusiasmo. E' o meu feitio. Em mim o scepticismo é apenas preguiça de acreditar. Nunca me apaixono por uma idéa ou coisa parecida pelo trabalho enorme que isso acarreta: é preciso ter convicções, defender pontos de vista, discutir e até, ás vezes, pensar um bocado. Pense que é infinitamente mais commodo, mais confortavel, a gente entregar-se a essa indolencia brasileirissima que vem comnosco do berço e nos acompanha fielmente pela vida adeante. Sempre me pareceu a mais sabia das attitudes humanas a de um Buddha pequenino e bronzeado que habita a minha estante e nunca olhou para mim: as pernas cruzadas, o olhar debruçado sobre as proprias mãos largadas, num gesto inutil, sobre os joelhos immoveis, de palpebras descidas, sem nem siquer a sombra de um sorriso ou de uma amargura no rosto sem emoções. Elle me dá uma impressão de serenidade, de indifferença perfeita como não encontrei igual em coisa nenhuma. Sympathiso, por uma porção de razões muito pessoaes, como essa attitude de Buddha. E o admiro. Pela attitude só. Porque da sua philosophia nada conheço, nem de oitiva. E é a uma pessoa nestas condições que você quer inflammar com as suas idéas feministas e revolucionarias. Desculpe, minha amiga, mas não é possivel.

Você me fala da situação inferior a que a mulher tem sido relegada. E eu acho adoravel. Vejo com melancolia mulheres se estragando com sciencia, com idéas, com trabalho, com luta pela vida. E você me conta victoriosa que ellas estão vencendo em tudo isso. Que o homem já lhes está cedendo o lugar usurpado. Isso me parece triste, sabe? E' como se me viessem annunciar que os lirios têm um grande valor nutritivo e de agora em deante vão ser aproveitados para a alimentação.

Sempre me quiz parecer que uma mulher, sendo um animal bello e são, tinha comsigo todas as credenciaes para fazer jús á parcella de possivel felicidade capaz de ser desfrutada neste planeta. Era essa a sua maior obrigação e a sua melhor garantia. O resto era accessorio. Talvez você tenha reparado que não ha como a belleza para fazer ás suas respectivas portadoras menos asperos os caminhos difficeis deste mundo tão mal feito. A uma mulher bonita todas as coisas são perdoadas. Póde dar-se ao luxo de ser bôa, póde querer salvar a humanidade, póde fazer pesquizas grammaticaes. Tudo lhe fica bem. Póde até, como você, ter a extravagancia de ser feminista.

E agora você me conta, com uma seriedade engraçada nos olhos, de milhares de creaturas, estygmatizadas de nascença com a tara irremediavel da fealdade. Fala da Russia, das européas maltradas pela guerra que devorou, aos milhões, o elemento masculino. E' verdade. Mas, felizmente, não cabe a mim nem a você a solução desses problemas. O nosso caso era este: você, para começar as reivindicações femininas, aqui no Brasil, quer voto e outras coisas parecidas. Para que voto, meu Deus? O que é que adeanta ás mulheres, feias ou bonitas, esse discutivel privilegio de votar? Você se interessa pelo meu apoio a uma moção ao Governo? Pois bem: peça-lhe, então, que abra institutos de belleza gratuitos, com todos os aperfeiçoamentos modernos. Para melhorar, o quanto possivel, rostos, seios e pernas. Que todos os artigos de maquillage sejam vendidos a preços infimos. Que funde academias onde se ensine uma mulher a pintar-se e vestir-se bem. Que o sport feminino seja coisa obrigatoria. E haja aulas de gymnastica e piscinas gratuitas. Talvez isso nos fosse de uma utilidade mais pratica e mais immediata do que todos os direitos civicos deste mundo.

THEATRO

PROCOPIO

Está para chegar uma semana gostosa. Uma semana ou um mez. Todas as discussões inuteis sobre a crise uni-
Tudo isso por obra e graça do bom humor que Procopio vae despejar sobre a cidade.
versal desapparecerão do cartaz. Os democraticos passarão a confraternisar com o senhor Sylvio de Campos e a Sociedade Rural voltará a descobrir qualidades excepcionaes no senhor tenente João Alberto.

Vem Procopio, vem Regina...

Da jovialidade de sua presença opportuna nesta terra cinzenta de pessimismo exeggerado.

Com uma constancia digna de elogios, Procopio foge ao visinho calor carioca para desmandibular São Paulo com a sua graça e a graça das suas peças, durante semanas e mezes.

Emquanto durar o calor do Rio.

A cidade toda sorri com a approximação de 1.º de Outubro com um geito de quem vae festejar datas importantes na historia das gentes.

Nem o 1.º de Maio dos proletarios movimenta tanta gente na policia politica como a chegada do histrião glorioso, na população paulista.

E, desta vez, o patriotismo local ainda mais se preoccupa com a sua vinda, deante da promessa, altamente envaidecedora para o amor proprio indigena, de que os escriptores nacionaes serão larga e copiosamente contemplados no seu repertorio.

Estão se movimentando intellectuaes da terra para prestação de homenagens grandiosas ao pequeno grande homem dos palcos.

E as damas elegantes anceiam minuto a minuto, pela presença elegantissima da comediante Regina Maura, que é assim uma especie de André de Becq de Fouquiéres ou Condessa Greffulhe das nossas scenas nacionaes.

Ella lançou o tricorneo veneziano no Trianon e logo as calçadas da Avenida Rio Branco se transformaram em velhos canaes pintados por Longhi.

Ella surgiu com faustosa indumentaria numa symphonia de preto e branco e logo os bailes do Fluminense, do Lido e do Automovel Clube, tomaram um geito de passagem do prestito dos Democraticos.

O que nos reservará Regina Maura em materia de surpreza elegante, indagam-se as damas destas bandas bandeirantes.

E assim, o bom humor de Procopio e a elegancia de Regina Maura vão substituir no cartaz da cidade, em boa hora, as discussões sobre o espirito revolucionario, o communismo, a queda do cambio, a permanente gymnastica do senhor Osvaldo Aranha para não ser apeiado do poder e outras coisas perfeitamente desagradaveis e inuteis.

Conserve o seu sorriso, dizem os cartazes daquelle jovem autor da campanha da boa vontade.

E Procopio responde que dispensa os cartazes e as campanhas de boa ou má vontade para fazer sorrir.

Elle dá conta do recado sosinho.

Sosinho não, dirão as damas que esperam pelas revelações elegantes de Regina Maura.

Vae chegar uma semana gostosa. Uma semana ou um mez...

Narciso

...E vêm scenarios loucos de Lula...

A Ceia dos Bohemios

Sketch comico por ATHOS DE ALENCAR

"A Cigarra" vae publicar para os seus leitores uma serie de pequenas comedias e "sketches" comicos, de facil representação, de poucos personagens. Abre a serie "A Ceia dos Bohemios". É mais uma parodia, é a eterna parodia á "Ceia dos Cardeaes", de Julio Dantas. Mas retrata com graça a vida humilde e mofina dos pequenos artistas. E traz ainda alguma coisa nova para a velhice do thema.

Personagens: Um pintor, um poeta e um philosopho ambulante.

Epoca: pode ser a actual.

O Poeta,

Eis-nos comendo, emfim! Chega a ser quasi incrivel
Que seja boia de verdade... E' lá possivel?

O Pintor,

E que isto é vinho mesmo!

O Philosopho,

E' vinho? Endoideceu!

O Poeta,

Eu não quiz affirmar...

O Poeta,

E nem affirmo eu
Que seja assim um Pommery, um vinho caro,
Mas justos vamos ser! Mesmo assim é bem raro
Podermos nós mandar com carinhosa uncção
Já não digo ao bandulho, antes ao coração,
Um copinho qualquer do verde lá do Sul...

O Philosopho,

Lá nisso, tens razão...

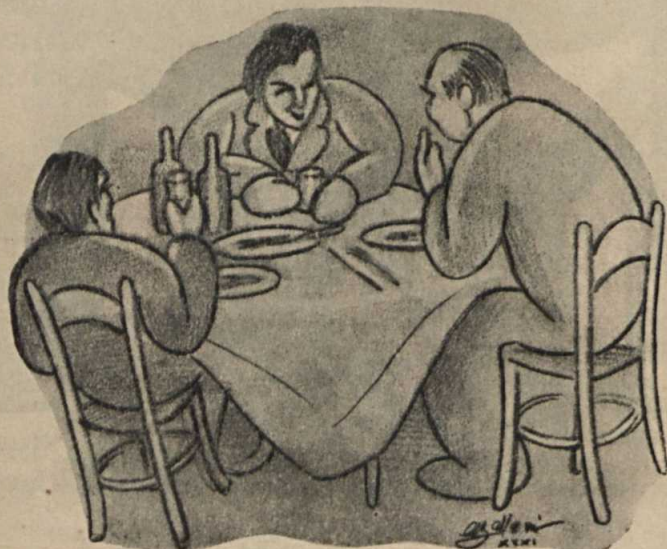
O Poeta,

Nem sempre um ceu azul
Nos mira lá de cima!

O Pintor,

E' bem verdade, amigo,
Ha momentos crueis na vida, ai! que eu nem digo...

O Poeta,

Quem nasceu sonhador, se o mundo fosse certo,
Deveria nascer millionario, por certo...

Quem nasceu sonhador, se o mundo fosse certo...

O Pintor,

Se a vida assim nos quer, mergulhados no sonho,
Incapazes de agir como um burguez risonho,
Estupido e boçal, na conquista do pão,
E nos leva a viver do ideal e da illusão...

O Philosopho,

E mesmo sem ideal, mesmo sem sonho algum,
Deveria zelar, certo, por cada um
Dos que lançara sem consulta sobre a terra!
E' claro! No entretanto...

O Poeta,

O aureo portal se cerra
Do gozo, para tantos! Quanta negra fome
Não anda por ahi... e quanta dor sem nome!

O Philosopho,

Mas escutem vocês! Não haverá quem diga
Porque é que o ceu foi dar aos homens a barriga
E a fome que, afinal, é coisa tão cretina?
Pois não é imbecil ter a gente por sina
Comer e descomer atoa, a vida inteira?

O Pintor,

E por essa miseria, essa vil frioleira,
Comer! que coisa atoa! Ai! Ai! quanta amargura
Havemos nós passado...

O Poeta,

Antes a sepultura
Que reviver certos momentos que eu vivi...
Só eu sei! Só eu sei!

O Pintor,

Mais negras horas vi!

O Philosopho,

Se soubessem vocês de coisas que passei...
E pelas quaes, se Deus quizer, eu passarei
Inda amanhã, que o meu dinheiro hoje aqui fica...

O Pintor,

Nunca passaste a noite ali, na piririca,
Sem um simples tostão, sem abrigo e sem janta!

O Philosopho,

Uma noite com fome! Olha o grande garganta!

O Poeta,

Uma noite ao luar, se o tempo é camarada,
Inda passa a voar, como coisa de nada.
Mas tres noites a fio, e de chuva por cima,
Em que se busca em vão para a fome uma rima
E uma estrophe de pão para o ventre vazio...
E a chuva impertinente, e o impertinente frio,
E o dia após a noite, e o dia como a noite,
Co'a mesma fome brava e o mesmo frio açoite
Da garoa cruel sobre a gente a cahir...
E' preciso provar, é preciso sentir

Que mulher! que mulher!

De perto, e fundo assim, os aguilhões da vida
Pra saber quanto vale um prato de comida!
E' bem triste, é bem triste! E a sensação aguda
Que devora as entranhas, numa dôr miuda
E numa dor-mulher, malvada, caprichosa,
E' uma pagina negra, estupida de prosa...

O Philosopho,

Só ella dá valor a essa coisa banal,
Tão simples, tão pequena, e tão grande, afinal,
A media com pão quente!

O Pintor,

A media com pão quente!
Quantas vezes em vão busquei ardentemente
Pelos cafés, pelas esquinas, na Avenida,
Alguem que m'a pagasse! Ah! só eu sei da vida
Que levei por ahi, a desenhar no chão
Bonecos de brinquedo, a ver se algum tostão
Atirava-me alguem, para o café ao menos!
Eu, que nasci pintor para as formas de Venus,
Para fazer viver a nossa natureza,
Para crear o Amor, para crear Belleza,
Quanta vez mendiguei, mais que o pão, o papel,
Para nelle vazar o meu sonho revel!

O Poeta,

Quantas vezes tambem, poeta e sonhador,
Passei sem traduzir minha infinita dor,
O anseio fugitivo, uma saudade extincta,
Não por falta de rima, oh! não! mas sim de tinta!
(num repente)
Olha o outro a pensar!

O Pintor,

Em que pensas, tratante?

O Philosopho,

Em como é triste a fome em frente ao restaurante!
Eu lembro, eu bem me lembro! Era uma tarde triste,
Como todas o são, p'ra quem vegeta e existe
Com fome pelo mundo! O sol já declinara
Na fimbria do horizonte e eu tambem já tombara
Desfallecido sobre um banco de jardim!...
Uma semana bem contada, sobre mim,
A café de manhã, sómente, já pesava!

O Pintor,

Uma semana assim eu, bricando, passava!

O Philosopho,

Ouve lá! Ouve e ri depois... se tens coragem!
Eu julgava morrer, quando uma branda aragem
Traz até mim um cheiro bom de peixe frito!
Ah! que funda emoção! Levantei-me num grito,
E, guiado pelo faro, cego, fui parar,
Famelico, faminto, num «chinês» vulgar,
De mil e quatrocentos, com direito a vinho!
Uma semana! Oh! fome negra! E ali pertinho
O peixe frito, a carne assada, os ovos quentes,
O aristú de vitella, a provocar-me os dentes!
Pensei morrer... Mas, de repente, volto o olhar
E os olhos vão involuntarios repousar
Num vulto de mulher — que morena, Senhor!
Não cae em tentação só quem homem não fôr!
Os olhos, o cabello, a pelle, os seios duros,
Quasi a querer fugir, mal presos, mal seguros
Sob o corpete fino e delicioso!
Fiquei ali minutos longos, desejoso!
Todo o meu sangue insopitado borbulhava.
Com que fome infinita, louca, a devorava!
Que mulher! Que mulher! Ah! se eu fosse pintor,
Ou se fosse poeta! Eu juro pelo Amor
Que obra prima faria! Ou Dante, ou Raphael!
Poeta, nem uma resma inteira de papel,
Pintor, tinta nenhuma viva bastaria
Para a reproduzir! Que obra prima seria!
O desejo foi tal, que tive, de a beijar,
Que a fome que eu trouxera, lhe cedeu logar!
(tristemente)
Parece que inda a tenho, viva, em minha frente...

O Pintor,

E a morena, afinal?

O Philosopho,

Soberba e indifferente,
Nem uma vez siquer o olhar em mim pousou!

Foi elle, de nós tres...

O Pintor,

(para o poeta, depois de uma pausa)
Foi elle, de nós tres, quem mais fome passou!

Panno.

VIDA DOS CAMPOS

Collaboração do Departamento de Publicidade da SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA (Especial para A CIGARRA)

AS CHACARAS

Todos sabem, naturalmente, o que é uma chacara.

Um recanto ameno e saudavel, destinado mais ao deleite do espirito do que ao lucro pecuniario, propriamente.

A chacara, representa o modelo ideal de exploração rural: nella cultivam-se e criam-se innumeras especies; e se bem que poucos sejam os que nellas põem o fito de lucro, nem por isso pódem deixar de vir a constitui-lo.

As industrias ruraes, variadissimas mas tão pouco exercidas em nosso paiz, pódem figurar condignamente nos balanços annuaes dessas propriedades, proporccionando reaes economias na sua manutenção. E o que se poupa de gastar, representa optimo lucro.

O caracter mixto de sua culturas e criações, digamos melhor, a execução plena polycultura, é frisante exemplo digno de imitação.

Uma bôa chacara deve constar: de um pomar em que haja laranjas, limões, tangerinas, jaboticabas, abacaxis, bananas, goiabas, mangas, abacates, e, emfim, até o minusculo morango. A plantação harmoniosa e geometrica das arvores, alliada ao bom trato e cuidado que se lhes dispensem, devem constituir a satisfação e o orgulho de seu dono; de uma horta, que forneça legumes de toda a especie. Concorrem para o embellezamento e a attração de uma chacara: o gado leiteiro, bôas montarias, criações de coelhos e de aves. Quão encantador é admirar patos, gansos e cysnes a nadar nas aguas calmas do pequeno lago...

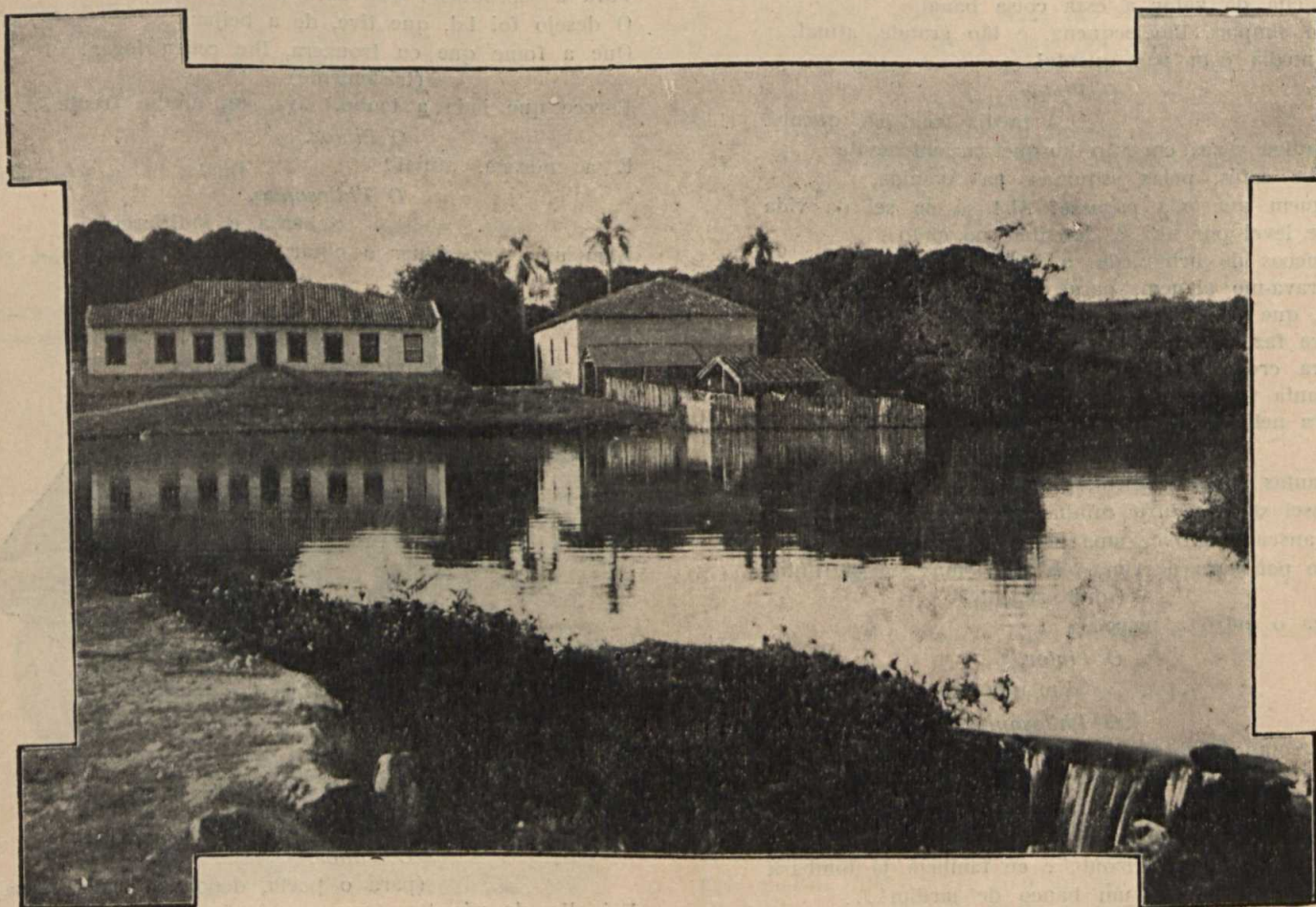
Offerecem passa-tempo muito agradavel as criações de bichos da seda e de abelhas, ambas de importante alcance economico e muito faceis de praticar.

A disseminação destas pequenas propriedades agricolas é muito necessaria. E' bem sabido que as riquezas produzidas pela terra são o esteio sobre o qual se baseia a economia de um paiz. O Brasil, que muito e muito já se tem propalado ser um paiz essencialmente agricola, não é o sufficientemente. A exploração de seu solo rico, necessita ser mais intensa. E um bom meio de se proporcionar, desde já, á mentalidade actual a futura, o inicio de tão importante trabalho, são as chacaras.

O ligeiro esboço que fizemos, retrata vagamente o que de bom encerra uma chacara. Muitas coisas ficaram sem menção, nas desordenadas linhas que ahi ficam.

O conceito que, todavia, queremos deixar bem patente e em destaque é o da importancia que as chacaras exercem em favor da polycultura, por serem o exemplo maximo de sua expressão.

Em resumo e finalmente, uma deducção se impõe: das explorações mais insignificantes, quando bem dirigidas e exercidas, obtem-se excellentes rendas. Isto depende, todavia, de conhecimento e de pratica; para adquiril-os necessita-se, forçosamente, de um campo de iniciação e experiencias. E este campo, é a chacara.

Mario Heredia

Vista da Chacara Portella em Itú, de propriedade do Snr. Fernando Portella & Irmãos.

NO GYNECEU

Impressões Femininas

"A Cigarra" acolhe a partir deste numero, nas suas columnas, a collaboração de um dos nossos mais brilhantes nomes literarios, que se occultará — para se sentir inteiramente á vontade — sob o suggestivo pseudonymo "Adonis". "No Gyneceu" será uma secção destinada ás leitoras d' "A Cigarra", na qual "Adonis" tratará, em forma leve, de tudo que possa interessar ao bello sexo, fazendo critica de arte e literaria, analyse de assumptos femininos, respostas a consultas das leitoras, enfim tudo que venha interessar ás leitoras d' "A Cigarra".

A Cigarra offerece, a partir do numero de hoje, abrigo permanente a esta secção destinada ás suas innumeras leitoras, si do seu agrado fôrem os assumptos aqui tratados. Propõe-se o autor de taes chronicas, folhetins, ou, melhor, dissertações anachronicas, a reviver impressões feministas de outras éras, em face dos mais interessantes problemas attinentes ás mulheres dos nossos dias. Não prefixou um programma, nem empresta feição historica ou didactica ás suas apreciações. Terá volubilidade, nos themas preferidos e em suas variações, como a que vulgarmente se increpa aos entes tão discutidos — e por isso mesmo preferidos — que vão inspirar-lhe commentarios e encomios. Propõe-se, no emtanto, a só focalizar aspectos do feminismo, nos pontos de vista da moral, da historia, das modas, dos costumes, da literatura e até do amor.

E si neste proposito, á guisa de um plano a ser cumprido, não está bem justificado o titulo da secção, o autor vae explanar a razão do mesmo, recorrendo, já se deixa vêr, ao methodo historico, afim de precisar a sua significação.

Entre os gregos, mesmo a partir dos tempos pre-hellenicos, ás casas de morada apresentavam compartimentos reservados ás mulheres e outros, em que os homens recebiam as suas visitas, seus hospedes e seus amigos. O *megaron* feminil, ou *thalamos,* segundo a denominação generica, separava-se das outras dependencias accessiveis ás pessoas extranhas á familia, por uma porta ou *métaulos* (tambem chamada *thyra),* que representava um limite intransponivel, mantido pela tradição, pelo respeito e pela cortezia.

Mais tarde, modificaram-se os nomes dos aposentos. *Andronitis* passou a ser o *megaron* masculino, ao passo que o destinado á familia recebeu o appellido de *gynaikeion* ou *gynaikonitis.*

Occupavam os primeiros a parte anterior da casa, abrangendo a maioria dos commodos; emquanto o recesso do lar se alojava na parte posterior.

Na idade heroica, as descripções de Homero transmittem-nos idéa das habitações de Ulysses, de Alcinoûs e de Meneláo. Os apartamentos das mulheres eram dispostos em plano superior, a que subiam ou donde desciam Helena e Penélope, acompanhadas de suas servas.

Ha mesmo reconstituições de archeologos e architectos, como os de Gerlach e Vitruvio, Galiani e Mariette, sem me referir á leitura sempre agradavel da «Viagem do joven Anacharsis», como a imaginou o espirito erudito do abbade Jean Jacques Barthéleny.

A civilisação latina transmittiu até nós os costumes e as instituições dos gregos. Manteve o gyneceu, onde permaneciam as mulheres na vida domestica. Mudaram-se os tempos, evoluiu a sociedade, mas ainda chegou até nós a tradição ainda observada por muitos povos.

Tenho a sublime honra de transpôr a *thyra* sagrada, para exercer a nobre funcção de chronista, perante as representantes do sexo privilegiado. Penetro no gyneceu da esphera intellectual, como advogado das filhas de Eva, no eterno conflicto com os filhos de Adão, cuja seita abjuro e a quem abjurgo o procedimento desleal.

Não me proponho a defender o programma das sectarias do feminismo, na igualdade de direitos dos representantes de ambos os sexos, na tendencia de masculinização da mulher perante a sociedade. Limito-me a render justas homenagens á Mulher Brasileira. E' o que almejo, penetrando, reverente, no «Gyneceu», sob o disfarçe de um pseudonymo, para me sentir mais á vontade em formular juizos e externar opiniões. E como desejo estar bem com Venus e Proserpina, embora não seja por ambas requestado, por me faltar, em absoluto, a belleza, adopto o falso nome de

ADONIS

Uma palestra com Alice Lardé de Venturino

(*Continuação da pag. 27*)

Assim como a cultura de meus paes e a sua qualidade de extrangeiros nos separaram do ambiente, ficando este uma força passiva, a incultura e a pobreza da America Central puderam, por contraste, deixar-me desenvolver e aperfeiçoar a mais a minha vontade. Os meios incultos não estorvam nem podem influenciar ninguem, pela simples razão de que são qualquer coisa de amorpho. A gente é mais simples e melhor, sem verbalismos exagerados, sem as aggravantes dos excessos e vicios sociaes. Portanto, não só pude manifestar-me literiamente livre, como tambem — o que vale mais — sem nenhuma especie de artificio ou falsidade, engano ou simulação e, naturalmente, minha alma foi mais sincera, sentiu de mais perto o mundo e a realidade e esteve mais em contacto com as bellezas e perfeições da natureza.

Á vida passiva do meio em que nasci, iria oppor com o tempo a vida activa de outros meios, e assim se chegará a compreender e explicar a minha personalidade.

Uni minha vida á de um homem de sciencia chileno e como elle andava viajando e estudando os povos, acompanhei-o. Percorri oito paizes. Creio que conheço palmo a palmo uma porção kilometrica equivalente a um continente inteiro, á Europa, por exemplo. Pelas viagens, por minhas relações e por minhas conferencias tenho podido espalhar e recolher idéas, observar, meditar e inferir muita cousa. Oito annos de vida errante, de communhão aberta com a natureza e com os homens, longe das cidades artificiaes, é natural que me tenham arejado o espirito e me tenham levado a qualquer cousa de melhor que contemplar-me a mim mesma e ás paixões das outras mulheres, isto é, a extasiar-me e confundir-me com o exterior, com o mundo objectivo e real que, de dia em dia, mais se alargava. Quasi dez annos de vida matrimonial com um sociologo realista, pratico, geometrico, implacavelmente objectivo, sem duvida alguma que, por transmutação, devem influir numa personalidade, fazendo mais agudas e mais profundas as antigas inclinações indefiniveis e complexas que se confundem com meu sangue francez, o meio inculto e pobre, a desgraça de familia, a lucta de meus irmãos, as viagens, etc. A minha propria filhinha, de seis annos e pouco, tambem tem a sua parte na eclosão intellectual de minha alma. Ella, como todas as creanças, tem que ser objectiva, porque, á falta de um elevado desenvolvimento cultural, não pode senão preoccupar-se com coisas e factos reaes. Assim, ao mostrá-los e explicá-los, fui compellida pela força do amor maternal, a penetrar com maior interesse e enthusiasmo tudo que me cercava, para melhor satisfazer á minha creaturinha.

Ahi está, em linhas geraes, o processo psychologico de minha vida, que me levou á concepção e interpretação dos meus livros. Entre tantas influencias, não ha porém maior e menor. Todas devem ter-se dado as mãos e, na compenetração commum, forjado um crysol, que permittiu á minha alma amoldá-lo e erigi-lo inteiramente a meu gosto. O seu fruto maximo é a minha poesia pictoricamente objectiva e plasticamente natural e realista, como o reconheceram alguns criticos.

Á semelhança do mundo e da existencia humana, da cultura e do genio, que são productos da assimilação e da correlação, minha obra, ainda que generosamente reconhecida como original, não se poude apartar dos fundamentos geneticos do Cosmos.

Versos para encantar

Para "A Cigarra"

Kate, para escrever os versos que pediste
Deixei o coração por si mesmo falar.
E disse o coração: — Ando agora tão triste
Que não posso dizer versos para encantar...

E pedi á minh'alma, alma ingenua de poeta,
Uma canção feliz para te offerendar.
— Ai, como vivo agora, extremamente inquieta,
E' impossivel fazer versos para encantar...

Recorri á lembrança: — E' um esforço profundo
Que faço para a alguem o meu canto levar!
E me disse a lembrança: — Esquecida do mundo,
Já não posso dizer cousas para encantar...

Abracei-me á saudade, a companheira e amiga.
— «Dá-me um poema de amor para a alguem offertar!
E a saudade me diz: — Sinto que hoje te diga
Que não posso tecer cousas para encantar...

Recorri, afinal, aos meus olhos. Que magua
Ia em mim ao depois da peregrinação...
E aos meus olhos falei e embebidos de agua
Disseram-me a chorar, cheios de commoção:

— Vê se pódes tu mesmo escrever o teu canto.
Anda em redor de nós um immenso pezar.
Quando se vive assim, entre a saudade e o pranto,
Não se pode escrever versos para encantar...

Vendo, emfim, aos meus pés todo o esforço expendido,
Fui eu proprio escrever, para te offerendar,
O meu poema de amor que havia promettido,
Para te adormecer, para te acalentar...

E escrevendo é que vi a razão da amargura
Que ia dentro de mim, que ia em todo o meu ser.
E por mais que fizesse, extranha desventura,
Um só verso de amor eu não pude escrever...

E' que, longe de ti, tudo é magua e tristeza...
Kate, sem teu amor, longe de teu olhar,
Sentindo-se o travor de uma immensa incerteza,
Não se pode escrever versos para encantar...

JUDAS ISGOROGOTA

O mais moderno Balneario do mundo

(Continuação da Pagina 3)

A série Especial contem quatro banheiras na secção masculina e quatro na feminina. Ao contrario das do primeiro pavimento, nas quaes é impossivel a mistura da agua potavel com a sulfurosa nas torneiras, as banheiras da série especial permittem utilisar a agua potavel para certos banhos especiaes, taes como banho carbo-gazoso, o banho de perolas de ar, ahi installados. O banho sulfuroso da série está apparelhado de maneira definitiva, com serviço de roupari̇a. As duchas de diversas variedades — geral, chuveiros, perineal, circular, assento, pediluvio — são feitas com agua potavel. A ducha-massagem, pelo systema de Vichy, pode ser feita com agua potavel ou sulfurosa, aproveitando-se tambem este dispositivo para a ducha geral sulfurosas. As duchas gynecologicas são sempre com agua sulfurosa. As secções de duchas dispõem de divans para repouso após as applicações. A secção de Thermotherapia compõe-se de apparelhos «Tyrnauer», para banhos de ar quente geraes e locaes. A secção de pulverisações contém duas filas de pulverisadores, para agua sulfurosa e para solução medicamentosa. A pulverisação finissima da agua sulfurosa permitte a sua penetração em todas as anfractuosidades e facilita sua absorpção pelas mucosas e pela pele.

O Instituto de Mecanotherapia está dotado de 30 apparelhos «Zander».

E' um excellente recurso em casos de reumatismo, de sequelas de traumatismo, de insufficiencias respiratorias, de obesidade e outras molestias da nutrição e tambem como meio hygienico, para manter o organismo em bom estado funccional.

No primeiro pavimento ha tres consultorios medicos para o serviço de banhos. No segundo ha um consultorio para os diversos tratamentos que ahi se fazem. As secções de massagens geraes e locaes, a sêco ou combinadas á hydroterapia, funccionam satisfactoriamente. Cada secção tem sala de espera propria.. O estabelecimento começou a funccionar no dia 16 de Março deste anno, tendo sido feita a inauguração official no dia 29 desse mez.

BOA A VIDA EM POÇOS DE CALDAS!

O seu caracter de estação de cura não lhe tirou nunca o aspecto amavel. Não se pense que Poços de Caldas é um grande hospital onde tudo tresande a remedios e doenças, o ar carregado de gemidos e que as horas longas cheias de colheradas de medicamentos. Na primavera, que é a época da estação balnearia, a cidade torna-se encantadora, com as facilidades de accesso que offerece a todos os visitantes, pelos bilhetes de excursão, com grande abatimento, pelos hoteis de todas as categorias.

Lá o ar é livre, electrizado, oxydante, vivificador. O céo, entre montanhas ridentes, azul, concavo, pequenino como uma umbella. E reluz um sol dourado, tranquillo, sem exaggero, um sol sempre bom que é de facto uma gloria de sol. Illumina, accende no horizonte como uma lampada de tungsteno. Enfeita as physionomias, rebrilha nas aguas, redoura a folhagem. E depois anoitece sem escandalo para ninguem. Quando não ha sol nem céo azul e chove, assim mesmo a chuva é uma festa de crystal nos telhados, nas vidraças, nas arvores, na rua.

Pelas ruas ninguem vê aventaes de enfermeiros que alvejam com aquelle brancor sub-funebre, nem clinicos de andar circumspecto, que levam sombrios prognosticos pendurados ao sobrolho.

Ha, ao contrario, um tumulto de vida. Pregões, bufar de automoveis, musicas, risos, ruidos de cidade trabalhadora e feliz, de cidade que trabalha e de gente que se diverte. Ali o proprio enfermo não poderá entristecer. E' inutil. Porque em seguida teria de alegrar-se a contra gosto.

Para o forasteiro a cidade offerece mil aspectos pittorescos e diversos. Os passeios a sitios agrestes, á Cascata das Antas, á Fonte dos Amores, ao alto da Serra, á Caixa d'Agua, as festas no hotel, os jogos, os cabarets, os esportes, a agitação deliciosamente frivola das reuniões mundanas, novas relações obtidas e cimentadas nos longos ocios, tudo isso arrancaria ao enfermo o tempo de atormentar-se com a preoccupação exaggerada que a maioria delles tem a respeito de seus males.

Tirando á imaginação do enfermo o quadro triste de seus padecimentos, é innegavel que a estação de Poços de Caldas consegue encaminhar mais rapidamente para a cura o seu hospede soffredor.

Assim, aquella cidade serrana tem salvo milhares de creaturas. Leiam, por exemplo, a «Fonte de Juventa» de Coelho Netto e encontrarão ahi um caso typico, onde se vê que não é só para tomar banhos de enxofre que se vae a Poços de Caldas.

Vão ahi turistas de todo o Brasil e de todo o mundo. Principalmente no inverno e principalmente distinctissimos argentinos.

Raramente, no inverno, o thermometro desce a zero. E ainda que desça, não importa, pois o espectaculo nocturno de Poços de Caldas, no inverno, é um encantamento. E quando faz luar, o luar é aquelle «feito de lirios diluidos» que tanto deslumbrou a João do Rio.

INCENDIO

Vão dar aviso aos primeiros
Sineiros!
Bão, bão, bão, bão, bão, bão, bão!
Depressa! que incendio lavra,
Palavra!
Dentro do meu coração!...

As chamas dos olhos della,
Da bella
Pela qual suspiro em vão,
Intenso fogo ateiaram,
Deitaram
No meu pobre coração!

Ai! agora que um ministro
Sinistro
Estab'lece a cremação,
Antes do corpo cremado,
Coitado!
Stá sendo meu coração!

Mas as labaredas crescem,
Recrescem,
Cada vez mais vivas são!
Felizmente no «Seguro»
Seguro
Tenho, ha muito, o coração!

Joaquim Serra é um velho poeta do tempo do Imperio. Mas a poesia que publicamos mostra um espirito moço, bem humorado, um toque de graça espontanea tão raro nos lamuriosos poetas brasileiros, principalmente da sua geração, que a gente a lê com gosto. Aliás é quasi inedita.

Que não contava protesta
Com esta
Forçada liquidação
O pobre vate, coitado!
Privado,
Privado de coração!

Venham, senhores bombeiros,
Ligeiros!
Tragam bombas de tracção.
— Ai, menina, os teus olhares
Pelos ares
Puzeram-me o coração!

Eu não contava com isto!
Por Christo,
Que incendio, que combustão!
Circumscrevam-no depressa!
Não cessa
De me arder o coração!

Mas os bombeiros debalde,
De balde,
Bomba, esguicho, *et cetera*, estão!
Cada vez mais se propaga
Que praga!
O fogo em meu coração!

Oh! tu, que a culpa tiveste,
Te veste,
Te veste e vem para cá;
Deves o coração que arde
Tratar de
Tratar de apagá-lo já...

Voltae, bombeiros, ao posto!
Eis extincto o fogo posto
Pelos teus olhos bregeiros...
Que disse eu?
O que não fez o corpo de bombeiros,
Fez o teu...

Joaquim Serra

Est. Graph. Edanee — R. B. de Iguape, 21 S. Paulo

A CIGARRA

Supplemento das Moças

Mary Brian

ANNO 18 NUMERO 404

tivo a musica, sou barytono e tenho gravado varios discos; toco regularmente piano e violino e tenho algumas composições musicaes. Resido na capital. Resposta, por obsequio, — a **Dezoito.**

Baile em São João

I

Pedro Leite, apurado com as crianças; Francisco Simões, queridinho de todos; Orestes, com as suas brincadeiras, trouxe os convivas em constantes risos; Dorvalino retrahido; por que será? Joaquim, gostando de ouvir a conversa dos outros.

II

José, dançando bem; Armando R., pela primeira vez em S. João, ficou cahidinho... Serei indiscreta? Piloto Mysterioso, muito amavel; a falta do Ben Hur; Dega, sempre alegrinha; Hulda, tão triste! Recordando o passado, talvez! Frederica, dançando muito com certo rapaz. Serão noivos? Annita, cavando... Julia, esquecendo que o baile estava no fim. — **Vi e gostei**

Mysteriosa

Alma sonhadora de amores, — E's tú, ó minha flôr singela e pura. — Acceita dos meus dias a amargura, — E um coração que soffre em dores.

Minha alma, gemea da tua, — Tambem esmolas mendiga. — Sonha nas noites de lua, — Encontrar-te, doce amiga.

O admirador que ainda espera autorisação para enviar missiva. — **Gilbert.**

I

A's queridas leitoras d'"A Cigarra"

Nas minhas horas de tédio, volto o olhar para o meu aposento solitario, e penso em minha vida, toda voltada para o trabalho, sem nunca ter ao meu lado uma amiguinha, que tornasse mais suave a estrada espinhosa de minha vida... Como desejaria ter ao meu lado uma bella donzella, com sua alegria juvenil,

II

e com a doçura de sua vóz enchesse de felicidade o meu coração sempre solitario... Deixo, pois, ás queridas leitoras desta revista, o meu perfil, pedindo, ás que se interessem, enviar-me cartas. Eis o meu perfil: estatura regular, cabellos castanhos, olhos castanhos, bocca regular, encimada por um bigóde que me dá aspecto distincto e respeitavel. — **El camino del triunfo.**

Loirinha

Agradeço infinitamente as suas palavras, que me deixaram tão contente que ainda hoje estou a pensar quem seria o anjo que as escreveu. Peço-lhe encarecidamente darme seu nome e endereço, pois desejo testemunhar-lhe pessoalmente a minha gratidão. — **Mario.**

Baile do Sorocaba F. C.

I

Senhoritas: Deolinda, firme com o A.; Lola, lembrando uns tempos que não voltam mais; Thereza: elle é sincero; Nina, procurando o pequeno; Irene, tão retrahida (por que será?) Nena, meiga e graciosa; Yolanda, dançando com o Y., não sabia que fazia sangrar o coração de sua "rival"; Maria Alba, alegre (qual a causa?)

II

Rapazes: — Antonio, dançando muito com certa pequena; Agostinho, um collosso no tango; Emilio B., fazendo estrear á meia noite em ponto; Andó, sempre lindo e amavel; Emilio C., sempre jovial; Juvencio, indifferente; Pinheiro, (ella foi embora); Arnaldo, aborrecido. — **Noiva do Regimento.**

Conversando

Piloto Mysterioso: — Recebeste carta ao c/ de Esbelto Infante? Responde. Caçador de Esmeraldas: — Li o livro de tua autoria, "Nas azas do amor", o qual muito apreciei. Acceita os meus sinceros parabens. Musa Incomprehendida: — A minha leal e sincera amizade eu a deponho em tuas delicadas mãos. Aos tres os cumprimentos da — **Noiva do Regimento.**

Para a srta. Carmen P.

I

. z nao saibas quem sou, po- e..., antes de tudo, quero pedir desculpas pelo meu atrevimento. Fiquei gostando de ti mas os imprevistos me impediram de me manifestar pessoalmente. Tenho esperado sempre, sem nunca ter uma

opportunidade... é tão difficil verte! Posso saber si o teu coraçãosinho já tem dono? Posso saber quem é o felizardo?

II

Eu creio que sómente a discreta "Cigarra" poderá me auxiliar; quero que, por meio della, me respondas ás perguntas acima, e, depois, prometto dar o meu nome e endereço, apesar de já sermos bastante conhecidos. Creio que, quem fala a verdade e o que sente, não merece ser castigado. Implorando uma resposta, aqui fica o — **Omaetue.**

Leitores...

Qual de vós possuis no coração um recanto, para eu depositar a pequenina flôr de minha amizade? Anceio sómente possuir uma affeição sincera, alguem que me comprehenda um pouco, para podermos trocar correspondencia, por intermedio desta apreciada revista. Antecipadamente agradeço a todos que accederem a este meu desejo. — **Celita.**

Tudo Passa

(A alguem distante)

I

Passa tudo na vida!.. O que ha na vida de bom e de feliz, de bello. Passam os sonhos, a ventura, o riso, a graça dos verdes annos, a estação florida...

Tudo passa na vida!... E' curta, escassa a duração de uma paixão, vivida só de instantes de amor.

II

Passa em seguida o proprio amor de nosso amado! Tudo passa!

Passa tudo na vida!... Os raios de sol que inclemente derramam seu ardor sobre os miseros mortaes; a chuva; o vento indomito que na sua passagem leva tudo de vencida; a tempestade que, parecendo reunir toda furia celeste, se desencadeia, furibunda: as ondas do mar que, inclementes, se vão

III

despedaçar de encontro ás rochas ingremes!... Tudo, tudo passa!...

— Tudo, tudo passa!... — **Varita** querido, o "nosso" 23 de Junho, com um sorriso ironico, passando, parece ainda nos dizer adeus...

— Tudo, tudo passa!... — **Verita de Condão.**

Ao Amoroso!...

Aqui me apresento como sua noiva: Côr morena, cabellos pretos, olhos castanhos, altura 1, m. 63, bonita, (assim dizem); tambem moro em "fazenda", e saberei suavisar, com minhas cartas, a tua solidão. Serve? Responde-me, por carta, para a redacção. Saudades da **Coração Amoroso.**

Não te conheço, mas pretendo conhecer-te, e, si teu coraçãozinho estiver vago... para mais um admirador, candidato-me. Faço uma idéa, mais ou me nos, de ques és. Deves ser uma criaturinha que faz a gente soffrer resignado. Emfim, não sei; depois te direi as desditas dum coração que sonha ser... feliz. — **Teçayndaba.**

Respondendo

Caçador: — Agradeço immensamente. Já fui melhorando. Você é que deve vir. Esteve na Paulicéa adorada. Nem Queiram Saber: — Vossa resposta sensibili-

Alma Sertaneja

Agradeço tua generosidade em acceitar-me como amiguinho. Preferes que eu te escreva para a redacção? Pois bem: attenderei teu pedido. — **Teçayndaba.**

Sulamita

Immensamente grato fiquei em lêr tua tão benevola resposta.

sou-me.

Salim Simão: — Agradeço-te e aviso-te que a Quadrilha Negra já foi a pique por falta de verba.

Rouxinol de Tranças: — De nada e disponha.

Piloto Mysterioso: — Você, desta vez, vai com Dous Pseus. — **Ben Hur.**

Fim de Amor

por HULDA MARCONDES BOUCHER

Salão de baile. Luxo, elegancia, perfumes, riqueza.

Casacas impeccaveis, vestidos lindos que vestem corpos esculpturaes.

Um "jazz".

Polychromia de cores e luzes. Filigranas de luar que se introduzem a medo pelas frinchas dos portaes, para morrer, afogadas, na claridade artificial.

Uma linda silhueta de mulher.

Um joven moreno, de fronte altiva, fita, ancioso, a boquinha desdenhosa da sua companheira.

— Lorice... Mas você não comprehende que me magôa horrivelmente? Que essa sua resolução é precipitada?

— Não é, meu amigo! Eu não me resigno mais a soffrer por você... Estou cansada, muito cansada. Você acostumou-se ao meu perdão (quantas vezes eu o perdoei), mas eu são posso acostumar-me a essa farça que representamos. Amo-o ainda, negar seria mentir, e você conhece-me demasiado para eu fazer-lhe essa injustiça.

Mas, embora isso aconteça, eu parto...

— E...

— Ouça primeiro: Você está acostumado a amar muitas mulheres... não sei se propriamente amar... mas experimental-as, dissecal-as, estudal-as. E, depois de cada amor, volta sempre para mim. Não me sujeito mais a isso!

— Lorice... Fui louco, confesso. Comprehendo que o unico culpado do nosso soffrimento sou eu, mas, quero dizer-lhe... Tenho por você uma louca adoração. Você é o mais puro e o melhor de todos os meus amores, é a unica mulher em quem eu não encontrei falsidades... hypocrisias...

— E' inutil tudo isto! Resolvi-me a abafar o coração e deixar você. Nada m'o impedirá. Temos naturezas differentes. Você me quer porque eu lhe tenho resistido e não sou da fragilidade das outras mulheres, em se tratando de amor.

Talvez me ame um pouco... sim creio... você me amará emquanto me desejar... depois, virá o fastio... o tedio...

— Não é...

— Não tente negar, meu amigo, porque eu não o acreditaria... O amor, uma vez satistisfeito, perde a razão de existir... E' melhor assim... um aperto de mão, um adeus dito de mansinho... e uma breve e doce recordação desse amor que passou. Adeus, Gilberto: auguro-lhe todas as felicidades.

Gilberto tomou, entre as suas, a nivea mão da companheira, e beijou-lhe os dedinhos tremulos,

— Não me dá os labios?

— Receio capitular... é melhor assim...

E' muito cruel, meu amor, mas asseguro-lhe que ainda ha de ser minha.

— Não alimente essa esperança, porque nunca lhe pertencerei.

E, agil, num leve salto, Lorice dirigiu-se para o salão.

Gilberto sentou-se no lugar em que ella estivera, e mergulhou a cabeça nas mãos.

Depois, teve um soluço sem lagrimas, como só acontece nas grandes dores.

* * *

Quarto feminino. Confusão elegante. Almofadas, perfumes, Sévres. Saxes, joias, flores.

Enrodilhada sobre um almofadão turco, Lorice, em adoravel "negligé", medita, acariciando a lombada de um livro. Ella espera... o que?... Qualquer coisa que venha "delle".

Sim... apezar de sua resolução, não deixará de amal-"o". Acompanhal-o-á (em pensamento) nas peregrinações pelos arcanos das almas femininas. Nada lhe dirá, mas soffrerá com elle, porque sabe que elle não é mais que uma criança grande que soffre desillusões. Sabe que elle lhe virá implorar novamente perdão, sabe que lh'o negará outra vez, mas, apezar disso, quer ainda ouvir-lhe a vóz, ainda que seja para soffrer duplamente depois.

O telephone tilinta. E' "elle"...

— Allô!

— Lorice, meu amor...

— Que me quer?

— Mas... venho em busca de minha felicidade... venho reclamar o que egoisticamente você me negou hontem á noite.. venho

(Continúa na pag. seguinte)

O valor da poesia

A. Q. SOLE'

Os homens de negocio não costumam prestar attenção excessiva ás coisas poeticas; são gente pratica por excellencia e consideram tempo perdido tudo o que invertem em algo que não produza utilidade immediata ou a prazo fixo. Isto é sabido e vem acontecendo desde que o mundo é mundo ou, pelo menos, desde que no mundo appareceu o primeiro negociante, que, sem remontarmos aos primordios da creação, apparece já, com toda a clareza, na famosa historia de Esaú e Jacob, protagonistas da primeira transação commercial de que se tem noticias fidedignas: um prato de lentilhas em troca dos direitos de primogenitura.

Até fins do seculo passado, e ainda nos começos do presente, uma casa commercial era algo frio, pouco acolhedor e até mesmo antipathico. O aspecto do local não era de molde a convidar a permanencia alli e, quem o visitava para tratar de algum assumpto, procurava afastar-se o mais cedo possivel como se temesse contagiar-se da aridez do ambiente.

Porém, de prompto, produziuse um acontecimento de caracteristicas extraordinarias; onde antes um grupo de homens taciturnos recalcava o seu aborrecimento empilhando numeros sobre numeros nas columnas de livros enormes, com o pensamento preso na hora libertadora da sahida, appareceu a mulher, somma e compendio de toda a graça, de toda a belleza e de toda a poesia do mundo... emquanto não chega a converter-se na esposa legitima de qualquer mortal, em cujo caso perde, para este, todo o encanto poetico, tornandose o ser mais prosaico da creação

Como se produziu, porém, semelhante cousa? Qual foi o proposito dos homens de negocios, abdicando apparentemente de suas convicções de seculos? Acaso se teriam humanizado a ponto de lembrar-se que eram homens como os demais?...

Não, nada disso. Querem saber o segredo?... Para isso não se torna necessario mais que um pouco de observação. Vejamos. Penetremos em um escriptorio commercial qualquer; mescladas com os empregados, veremos varias dactylographas, quasi todas lindas. Por que será que a maioria das dactylographas são lindissimas criaturas?...

Para chegar ao gabinete do gerente, director, administrador, ou como quer que se chame a mais alta autoridade do estabelecimento, torna-se necessario passar, antes, pela ante-sala destinada á sua secretaria particular. Apparece um cliente, e, immediatamente, é conduzido á presença do director; ao cruzar a ante-sala os olhos do visitante se detêm, involuntariamente, na figurinha graciosa da joven empregada. Os dois homens, sós, começam a discutir o negocio; o cliente protesta pelas condições que lhe impõem; o outro insiste, porém, ante a inutilidade de seus argumentos, chama a secretaria, sob um pretexto qualquer, encarregando-a de algum trabalho que deve fazer, precisamente alli.

O cliente, depois de tudo, é um homem. Involuntariamente, a graciosa figurinha da secretaria attrae a sua attenção e o faz distrahir-se um pouco do que falava. O commerciante, com toda a astucia, approveita a opportunidade... e o negocio se realiza de accordo com o estabelecido.

Como se vê, não se trata de uma abdicação da prosa e sim, muito simplesmente, da utilização da poesia como valioso factor commercial.

FIM DE AMOR

(Continuação)

implorar-lhe piedade para a minha vida desmoronada.

— Já lhe disse que é inutil; não farei um gesto em seu favor.

— Lorice... esta noite... em que não cerrei siquer por um minuto as palpebras, em que a febre me fez latejar as fontes todo o tempo, eu senti, eu avaliei o que você representa para mim, para a minha vida. Deixe-me ir vel-a, deixe que eu o diga, fitando os seus lindos olhos.

— Não, Gilberto: para nós, tudo terminou. Deixal-o vir seria reabrir a chaga de nossas almas.

— Lorice... **(a voz tornou-se-lhe firme)** juro que, se você me negar o unico bem de minha vida... eu me matarei.

— Não diga loucuras. Você não fará cousas absurdas... nem pensa em tal.

— Juro que o farei... Eu verifiquei que não posso viver sem você. Se eu commetti tantas loucuras é porque tinha a certeza de encontrar sempre o seu carinho e a sua meiguice, depois. E agora? Que conterá a minha vida? Um vacuo, nada mais. Será uma vida vazia, sem um affecto, e, portanto, inutil. Vida de bohemio desventurado e, como tal, depravada. Não quero descer tão baixo.

— Não creio em nada do que você diz. Você quer apenas me commover. Minha resolução é inabalavel. Adeus, meu amigo. Creia que jamais pertencerei a alguem... adeus...

— Lorice... amor... meu lindo e louco amor... não vá, escute...

Um bater desesperado do gancho telephonico... e, do outro lado da linha, um silencio angustiante.

Um estampido... um soluço estertorado... e uma voz agoniada, que diz, para a ironia provocante do telephone desligado desalentadoramente:

— Não me verás soffrer... não rirás da minha desventura. Sou eu quem te diz adeus... Lorice... perdão... Adeus... meu... lindo... amor...

Depois... mais nada.

A tragedia da vida, o fim do amor...

Dum lado do fio telephonico uma linda mulher, que tem, nos olhos enluarados, duas lagrimas amargas de renuncia. Do outro, um homem sentado em uma "mapple", com um sorriso de amargura nos labios contrahidos e um filete de sangue deslisando aos poucos pela fronte altiva.

Um phone desligado, que parece rir escandalosamente, e, depois, o silencio.

Vidraça

A' guisa de chronica

Tarde-tarde, sem passaros cantando nas cornijas dos "bungalows". Ao fundo da rua quieta, um maxixe róda em qualquer victrola na ansia inutil de alegrar. Perto, uma janella aberta a mostrar abertamente uma alcova toda azul, de mobiliario amavelmente discreto, sem espelhos nem quadros anti-estheticos manchando a pallidez das paredes.

Amolentados pelo cansaço do crepusculo, exhaustos de olhar, uns olhos baixam longos cilios recurvos sobre uma folha de papel-setim, que n'a mão nervosamente agil vae serpenteando de letras nervosas. Palavras de romance... Alma que escapa, núa, por entre dedos, e se mostra toda numas linhas de tinta azul. Novella que não foi escripta nem vivida, mas que tem muitos capitulos de amor, delineados, coordenados com carinho no livro tumultuoso da fantasia...

***

Esta chronica, contra minha previsão, está sahindo sentimental, quasi lambusada de ternura. Não sei a que attribuir este lyrismo: se ao facto de seu estar vendo, como imagino, a collaboradora da "Cigarrinha" ou á luz fosca que este "abat-jour" lilaz atira sobre a minha secretaria, plagiando a tarde violeta, singularmente melancolica. Talvez as duas coisas... Porque a poesia subtilmente triste, que passsa por nós, que cáe sobre o nosso abandono, nos "por-de-sóes" indolentes e lássos, tem muito da suave tristeza de idealisar-se uma coisa bôa, que a gente sabe vae ficar, talvez, sempre escondida, distante, bella e seductora como todas as coisas impossivelmente longinquas...

O bar dos perfumes

Eis aqui o "cocktail" que se póde tomar sem medo, o "cocktail" para a requintada embriaguez do olfacto, o "cocktail" cujo "barman" que teve a idéa nova e original de manipulal-o é o costureiro mais em evidencia nas cinco partes do mundo. Só mesmo um modista-estheta, creador de modas que são obedecidas pelas mais elegantes mulheres do universo, poderia fazer com que as jovens do nosso tempo se convertessem em amaveis chimicas, que compuzessem quotidianamente, conforme a hora e o momento, o perfume que preferissem.

Os gostos variam. Cada mulher quer ser original, differente das outras. Isto, em se tratando de perfumes, é, sempre, difficil. Por mais raro, esquisito que um perfume seja, ha, sempre, outras pessoas que o usam.

Jean Patou achou o remedio para isso. Poz ao alcance de toda mulher os meios para que ella mesma preparasse, fizesse combinações mysteriosas, puzesse um pouco de fantasia, de regosijo, e até, mesmo, de ternura, nas suas suaves pesquizas, afim de encontrar o perfume que a agradasse.

Consegue-se tudo isso com um pequeno estojo de metal, revestido de couro da Russia, que é o bar dos perfumes. São dez os extractos que, misturados, formam as mais extravagantes essencias. O bar dos perfumes é constituido por um pequeno movel de linhas harmoniosas, muito simples, onde são collocados, em primeiro plano, quatro grandes frascos, dos quaes tres contém as bases principaes para as combinações, e o quarto é para quem o prefira ás combinações feitas. O primeiro, "Day", é para ser usado, principal mente, pela manhã, ao ar livre. O segundo, "Bitter sweet", que é mais languido, para as tardes. E "Sweet", o terceiro, para a noite. Esses perfumes, combinados com qualquer dos sete extractos que ha no bar, dão a nota pessoal de cada dia e de cada instante.

Contrastes e affinidades

Olenia, que sonhava com o principe azul, e se via fluctuando em mares de felicidade, casou com um commerciante prosaico que não entendia de romantismos...

E, todavia, foram felizes.

***

Alberto, espirito cultissimo e refinado, cheio de delicadeza e emoção, casou com sua prima Lenita, gentilissima creatura, um "bibelot" fragil, uma sensitiva...

E, um anno depois, separaramse, porque Alberto se tornou um materialista como poucos e Lenita uma adepta perigosa do "flirt".

Isto demonstra que a lei dos contrastes falha poucas vezes, e, ao contrario, a das affinidades quasi sempre... — **Zeno.**

PAPELOTES

Resta-me ainda uma lembrança vaga do tempo em que as moças, hoje já senhoras, para frisar os cabellos, enfeitavam a cabeça com papelótes.

Lembro-me, até, de uma feita em que, mostrando-me duas pequenas com as cabeças cheinhas de papeis côr de rosa, alguem me disse:

«Aquellas estão vendendo balas...»

De facto, as suas cabeças, sobre as faces brancas, pareciam duas «bonbonniéres» de porcellana, transbordantes...

E eu, na minha gulodice de menino, ambicionei as balas, não pensando, siquer, nas «bonbonniéres».

Eu era tão creança...

Soube, depois, de uma certa menina que, muito assediada por um cenáculo de poetas, um dia, encheu, inteira, a cabecinha, de originalissimos papelótes.

Fel os, essa interessante pequena, dos poemas ternos e amorosos que lhe offereciam os seus inoffensivos namorados.

Hoje, certamente, os seus propositos seriam outros.

Havia de mettel-os na cabeça ,mas decorando-os, para declamal-os, depois, nos salões, nas orelhas dos microphones, que são os ouvidos do Mundo, ou (que coisa impiedosa!) nos festivaes de caridade.

Mas, mesmo assim, aquelles poemas continuariam a ser, papelótes; porque, no cerebro das mulheres, as idéas mais rijas, mais contundentes, todas as cousas, emfim, que nelle ficam, tomam a leveza de papelótes.

E tudo que desponta do espirito feminino tem, tambem, para mim, identica apparencia: são papelótes.

O que foram sempre, em nossas paginas, todos os bilhetinhos das leitoras sinão os papelótes da «Cigarra»?

*Esta, porém, agora, attingida a «idade perigosa» de que nos fala o mais conhecido dos romancistas francezes, passou a adoptar processos mais complicados de «*maquillage...

Os papelótes continuam aqui, com a nossa «Cigarrinha»...

Chapéus

Os chapéos que actualmente estão em moda, eriçados de pontas provocantes, devem ser, forçosamente, oriundos da imaginação de algum **"createur"** dado a idéas retrospectivas.

Fazem-nos lembrar, nos seus varios feitios, épocas differentes da historia.

Deante delles, por uma succesção de idéas, transporto-me a éras bem longinquas. Vejo-me em face daquelle quasi lendario Alexandre da Macedonia, cujo capacete, com dois cornos, lateralmente postos á frente, era — dizia elle — o symbolo do seu enorme poderio: o dominio do Oriente e o dominio do Occidente.

Que ambição modesta a de Alexandre (era tão pequeno o Mundo nesse tempo!...)

Nos chapéosinhos bicornes que cingem, hoje, a cabeça das creaturas em desfile pela cidade, nas tardes sem chuva, vejo o symbolismo de um outro poderio — o poderio sobre um mundo existente em todos nós: o do espirito e o do coração.

Ha alguns, no entanto, com tres pontas, que parecem representar uma verdadeira dictadura e as suas portadoras se nos apresentam como investidas de um poder discricionario.

Que terceiro dominio será esse, representado nos tricornios? Penso ser aquelle que se traduz, ás vezes, em certos olhares longos, extaticos e molhados...

As pessoas inclinadas a assumptos politicos-sociaes dizem que existem dictaduras brancas e vermelhas (como são poeticos os sociologos!...)

A dictadura que esses chapéosinhos traduzem deve ser definida noutra côr .

E' uma dictadura côr de rosa...

S. S. Ex. as Mulheres

Apezar do seu titulo cheio de reverencias, o novo livro de novellas de Armando Bertoni, a apparecer, tem, para com as mulheres, um fundo irreverente.

Uma pequena, a quem fiz esta revelação, mostrou-se surprehendida com os malevolos intentos do autor de "A Cidade Prohibida", e chegou mesmo a dizer:

— Ingrato!

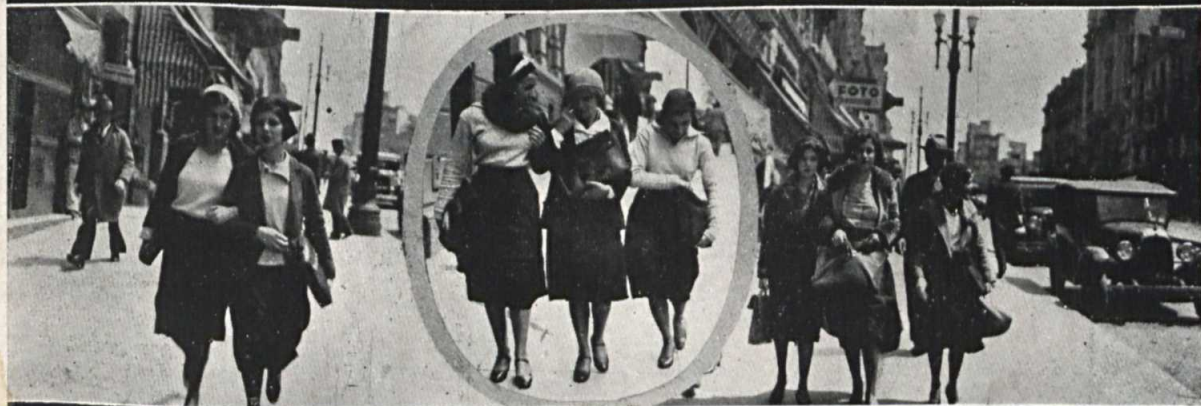
Suicidas

Os jornaes destes ultimos dias noticiaram o suicidio de um moço que se atirou, na ladeira do Carmo, sob as rodas de um "camarão".

As linhas que o suicida deixou escriptas eram desta natureza: — "Resolvi tomar passagem de ida para onde não existe a de volta, embora os espiritas, com o Circulo Esoterico do Pensamento, digam o contrario. Agora, o sr. dirá com os seus botões: mas, o motivo? O motivo é este: Senhora dona Vida está cheia de mim e eu estou cheio della. Portanto, de pleno accôrdo, resolvemos desistir um do outro."

Ao lel-as, tive, pelo estylo, a impressão de que o desvairado gesto fôra commettido por um dos chronistas sociaes da nossa imprensa quotidiana.

No dia immediato, no entanto, perdi essa illusão. Infelizmente, abrindo os jornaes, lá os encontrei todos, enganchados no alto das suas columnas, equilibrando, em cima dos seus nomes pequenos, as suas chronicas largas e compridas. — **Gonzaga de Sá.**

ENCANTOS DA CIDADE

Figurinhas de poemas, que a cidade emprestou a A Cigarra para enfeitar esta pagina

Fumaças de gloria

Conto de Pierre Valdagne

A senhora Dragard tem sessenta annos. Leão Dragard, setenta. São dois bons burguezes que, depois de haverem feito fortuna no commercio de ferro batido, vivem de suas rendas. Serenamente. Confortavelmente. Naquelle dia, a mulher disse ao marido:

— Andaste errado quando déste um exemplar de teu livro, "Sonhos e Illusões", áquelle presumido e minusculo Laporte. Ficaram sómente cinco exemplares. Nem se dará ao trabalho de folheal-o.

— Mas está bem!... Está bem!... Elle é commerciante de vernizes, mas interessa-se pelas coisas do espirito. Não sei por quê o tratas de presumido. E' um rapaz intelligente e que tem muito prazer em conversar commigo.

— Se não empregasses dinheiro no seu negocio, creio que o não veriamos tão frequentemente! Quanto ao teu livro, garanto que não lerá nem uma linha.

O leitor está surpreso, nao é verdade? Um livro de Leão Dragard?! "Sonho e Illusões", de Leão Dragard, fabricante de ferro batido? Perfeitamente! Todos nós temos nossa vocação. Escondida.

Succedendo ao pae, Leão Dragard fabricára, toda a vida, canos de chaminé, brandões e corrimões de escada. Mas sonhára, tambem, com a gloria literaria e escrevera dois livros de novellas, muito bem imaginadas (garanto!), de espirtio ligeiro, vivo, cheirando um pouco a passado, tanto do agrado dos nossos ancestraes. Entretanto, custou-lhe caro aquelle pequeno capricho! Porque mais facilmente distribuiu aos amigos do que vendeu aos leitores aquellas duas obras, das quaes tirava um grande orgulho.

O primeiro, "Necessidades do Coração", datava de quarenta annos. Não possuia senão dois exemplares, que a mulher guardava. Religiosamente. O segundo, "Sonhos e Illusões", datava de vinte e cinco annos. Era um exemplar deste ultimo que Dragard déra ao seu jovem amigo Laporte. E, na sua proxima visita, Laporte haveria de falar-lhe do prazer que experimentára com a leitura. E Dragard sentiria as fumaças do incenso subir-lhe ao nariz. Os escriptores profissionaes atiram a primeira pedra!

Viu-se, mais atraz, que a senhora Dragard não gostava de Laporte, de José Laporte. Tratára-o, até, de presumido. Enganava-se. Laporte não era um presumido, mas um moço que se amoldava á nova geração e de onde arrancava aquelles gestos e modos vibrantes, um pouco brutaes, que indispunham a excellente senhora contra todos os moços em geral. Nada a irritava mais do que encontrar, nos labios do intelligente moço, esta affirmação: "Sou um realizador! As palavras não me satisfazem! Sou um homem pratico!" Como se o seu velho marido, tendo accumulado uma grande fortuna, não fosse, tambem elle, "um grande realizador e um homem pratico!" E Leão Dragard possuia qualidades que o outro nunca teve. Interessava-se pelas coisas intellectuaes, tinha imaginação, e escrevera dois bellos livros de novellas. Entretanto, Laporte conduzia maravilhosamente seus negocios. Pouco a pouco, livrava-se da divida, que contrahira com Dragar. Sentia-se, apezar de tudo, preso a elle por grandes interesses. Mas a verdade é que a literatura o interessava pouco, sobretudo a de Dragard, que elle julgava, com razão, um dilettante.

Laporte lia romances, mas como um dever e quando a obra era circumdada de uma intensa publicidade. E tinha a desfaçatez de querer ser informado. Mas não tinha preferencia pessoal nenhuma e, com muito boa vontade e um certo cynismo, o teria confessado.

— Sou um realizador!

Apparentava ser cortez e possuir maneiras amaveis. Ao saber que Dragard escrevera dois livros, tomou a iniciativa de falar-lhe primeiro:

— Procurei nas livrarias "As Necessidades do Coração" e "Sonhos e Illusões". Inutilmente. Não os encontrei.

Grande milagre seria se os encontrasse! — pensou Dragard. Duas obras, uma apparecida ia para quarenta annos e, a outra, vinte e cinco!... Duas obras das quaes nunca se falou, embora lhe tivessem offerecido um jantar em homenagem, que elle mesmo custeára, embora frequentasse as rodas literarias, adherisse a todas as manifestações e apparecesse em todos os festivaes e photographias.

Foi então que o autor, pasmado pelo desejo expresso de Laporte, fôra procurar-lhe um exemplar dos "Sonhos e Illusões". E déra-

— Então!... — Disse Leão Dragard.

Bazar de Sonhos

POEMA PARA DIZER AO TELEPHONE

Ouça o que vou falar. Não diga nada.
Nem lembre que você foi minha namorada.

Sei que você mudou, que está mais moça,
você, minha creança...
Sei tanta coisa, sei, que não sabia...
Mas hoje vou pedir que você ouça
aquella voz cansada que não cansa,
como alguem me dizia...

Quero ter a illusão
de vêr ainda aquelle seu vestido
ingenuo de menina,
que era uma canção,
o sonho colorido
pintado no vitral de uma retina.

Quero pensar que tenho em minha mão,
como se fôra o meu destino,
a sua mão sem culpa, sem segredo:
que ainda sinto a longinqua sensação
daquelle annel vulgar e pequenino
que hoje talvez nem caiba no seu dedo.

Quero pensar que sou feliz,
que você é minha ainda, que inda agora
eu beijei sua bocca doce e boa.
Quero pensar que você está lá fóra,
que, esquecida de tudo que lhe fiz,
veio dizer que me perdôa...

Mas... não! Você ficou tão differente...
(Eu volto do meu sonho lentamente)

Não diga nada.
Nem uma só palavra, minha creança...
E esqueça quem falou.
Já que você está, agora, assim mudada,
deixe-me, ao menos, a esperança
de que essa voz querida não mudou...

BERT

---

lh'o. Com uma dedicatoria muito amavel.

Laporte devia visitar os velhos Dragard. Então, ouvir-se-ia o que diria sobre o livro! Leão Dragard esperava aquella critica do moço. Sabia, é certo, que elle não lhe diria senão palavras amaveis, mas, sob as palavras, se adivinha o verdadeiro sentimento. Ademais, por que não haveria de ser agradavel a sua critica?

Eram historias alegres, espirituosas e que deviam agradar ao moço.

Entretanto, a conversa se prolongava. E Dragard não encontrava uma maneira para passar dos negocios para a literatura. A senhora Dragard sorria. Atirava ao marido olhares maliciosos. Tinha razão! Laporte não lêra o livro! E Dragard, irritado com os muchochos da mulher, querendo ter a consciencia serena, agarrou-se á primeira opportunidade e disse:

— E, como disse numa novella do livro, que lhe dei noutro dia...

Laporte não titubeou. Tinha sangue frio. Tinha resolução. Exclamou:

— Ah! Sim!... E eu que me esquecia de falar-lhe do livro, meu caro senhor Dragard! Sou menos desculpavel porque o livro muito me encantou.

— Sério?

— Certissimo! E' lindo! Engenhoso! Ha, nelle, situações extremamente interessantes! E' simplesmente extraordinario que um homem como o sr., entre preoccupações de negocios...

Dragard, por sua vez, lançou á mulher um olhar esmagador. Depois, arrastado pela alegria que lhe proporcionavam as palavras do moço, fabricante de vernizes, abandonou-se ás recordações:

— A idéa principal da novella "A Apparição" tirei-a de uma circumstancia verdadeira.

Laporte ergueu os braços e exclamou, enthusiasmado:

— Ah! "A Apparição"! Considero "A Apparição" uma idéa engenhosissima!

— "Noivado"? — indagou o velho Dragard, esmagado pelos elogios.

— "Noivado"? — repetiu Laporte com vóz vibrante. — "Noivado" Achei-a de um sentimento exquisito!...

— E comica, não?

— Se é comica!... — respondeu Laporte.

— E que pensa do "Matrimonio de Razões", meu jovem amigo?

Então Laporte reflectiu um pouco. Depois, curvou-se para o velho e disse num tom de vóz convincente:

— Dir-lhe-ei, sr. Dragard... "Matrimonio de Razões" parece-me a coisa mais espirituosa e mais attrahente que o senhor escreveu.

*
* *

— Então! — disse Leão Dragard á mulher, quando o moço se retirou. — Então! Quem fez desse moço um juizo tão temerario? Foste tu, minha boa amiga. Foste tu, porque me disseste que Laporte nem chegaria a abrir o meu livro. E elle falou como um homem que não só leu, mas comprehendeu e ficou commovido.

Porém, a senhora Dragard levantou os hombros e respondeu docemente:

— O teu Laporte extasiou-se com o "Matrimonio de Razões".

— E creio que, realmente, não deve estar enganado!

— Não ha senão um equivoco, pobre Leão. O "Matrimonio de Razões" faz parte do teu primeiro volume, "As Necessidades do Coração", que não déste áquelle mentiroso. Tu sabes que existem sómente dois volumes... E estes estão fechados a chave...

QUE DIZEM SEUS LABIOS?

A ARTE DO "ROUGE"

Existe, realmente, a arte do "rouge"?

Essa apparentemente simples operação feminina, que consiste em dar uns toques aos labios com o indispensavel lapis carmezim, requer alguma graça especial ou está condicionada a algum conhecimento? Apressemo-nos a responder que sim. A pintura dos labios é uma das exigencias da esthetica feminina e, sem exaggerar muito a comparação, poderiamos dizer que o lapis de "rouge" é, para a formosura da mulher, o que a penna é para o escriptor e o pincel e o buril para os plasticos, o que equivale a dizer instrumentos necessarios de belleza.

Nesse mundo de pequenas coisas que é uma carteira de mulher, entre a confusão do lencinho bordado, do porta-nickeis, do estojo que guarda a fina esponja e o "carnet" de endereços, acharemos, sempre, o tubo dourado que offerece a pintura como se fosse uma pequena lingua vermelha.

Nada mais feminino que os labios de u'a mulher; nada, tambem, que dependa delles, como o lapis de "rouge", cujo toque precede e antecede o beijo. A mulher enrubesce os labios para beijar, e, logo, para apagar a mancha dos beijos, volta a enrubescel-os.

O lapis de "rouge" não consente o estudo dos labios. Define sua fórma, purifica suas linhas, dá relevo ás boccas. Por meio de sua ajuda mais nos approximamos á revelação do mysterio que encobre a mulher: o que nos mentem seus olhos, o que nos póde occultar seu coração, se lê na linguagem muda, mas viva e vermelha, das boccas femininas. Leiamos:

LABIOS E BEIJOS

Uma bocca vigorosa, cheia de seiva. **(Fig. 1).** O labio inferior, separado por uma graciosa cavidade, tende a amoldar suas metades como labio companheiro, assim como os grãos de um cacho de uvas maduras, que se buscam entre si. Estes labios dizem de saude esplendida, de oxygenio e ar livre. Sabem economizar o beijo, em quantidade, compensando-o com a qualidade passional dos que dão. Demonstram independencia, energia, amor á natureza, e, ainda que ás vezes simulem affectados muchochos, têm tambem decisões de enthusiasmo sincero. A mulher, com elles, não procura demasiado o amor, mas entrega-se a elle quando é verdadeiro e digno.

Para qualificar esta bocca, diriamos que é uma bocca intellectual **(Fig. 2).** De mulher moderna, um pouco fria, um tanto altiva. Labios acostumados a saborear a cigarrilha perfumada, sustendo-a masculinamente no angulo da bocca. Seu beijo tem algo de vampiresco e é de effeitos narcotizantes. A embriaguez que produz não se póde igualar por nenhum meio artificial. A mulher possuidora destes labios é summamente perigosa, porquanto não busca o prazer mais que pelo prazer mesmo, sem prender-se a ulterioridades. Para ella, o passado é todo o immediato. Ademais, sua bocca delgada e estreita denota um certo espirito de vingança. A entrega da sua bocca póde significar sómente um ardil, um meio de enredar e vencer a victima.

Expressão. O labio inferior ligeiramente cahido, ainda que a parte superior tenda a comprimir-se com o outro **(Fig. 3).** Este rasgo caracteristico é indicio de um temperamento melancolico e sonhador. Seu beijo é lento, dotado de ajuizada frialdade. Estes labios pódem beijar ainda que o pensamento esteja distante, alheio ao momento da paixão. A funcção que exercem é mechanica, e, por isso, o beijo não faz feliz nem dá felicidade ao que beija. A paixão destas mulheres, porém, intimida a certos homens e os prende, negativamente, para sempre. Têm que viver implorando amor e conseguil-o por piedade.

Uma bocca harmoniosa, em fórma de arco **(Fig. 4).** Suas frechas são perigosas, e os labios ligeiramente abertos mostram uma bella dentadura. Indicam fogo meridional, e sabem deixar-se vencer vencendo. O vermelho adhere-se-lhe com facilidade; a superficie dos labios é fresca e lisa. A mulher sabe remarcar as elegantes curvas destes labios, accusando os perfis com a ajuda do lapis, segura de que aperfeiçoa um de seus melhores encantos. Esta não é a bocca classica, porém sua mesma imperfeição a caracterisa e a distingue. Assignala um temperamento ardente.

Estes labios têm uma symetria que faria feliz a mais de um espirito classico **(Fig. 5).** Seu equilibrio de linhas faz, do conjunto, uma joia viva. Não desperta a attenção, mas seu conhecimento póde convertel-a em bocca inolvidavel. Seu beijo tem multiplicidades symphonicas. Passa da reserva e da timidez á violencia irrefreavel. Do "pianissimo" ao "maestoso". E' mais ideal que material; estes labios beijam fazendo entrega, inclusive, do espirito amante. Bocca de heroina, de mulher capaz de chegar ao sacrificio sublime. Seu beijo é decisivo. Póde chegar a transformar o homem dando um profundo sentimento á vida mais inexpressiva.

Fig. 1 Fig. 2 Fig. 3 Fig. 4 Fig. 5

Leitora. Alguma destas boccas é sua bocca? As modalidades de seu temperamento, as caracteristicas de sua paixão estão descriptas em algum dos estudos que leu aqui? Elles conseguiram ser feitos não sem dedicar-se muitos e muito longos momentos á observação fria, á analyse minuciosa. Talvez sirvam para deter alguma desorientação ou para esclarecer alguns desses mysterios impenetraveis que envolvem o amor e a mulher. Compare, a leitora, seus labios com estes labios tão definidos, e, de accôrdo com a semelhança que encontre, deduza a verdade.

SUPPLEMENTO DAS MO[illegible]

(E' DISTRIBUIDO GRATUITAMENTE ACOMPANHANDO "A [illegible]GARRA"

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o "Supplemento das Moças" Ca[illegible]

SALA DE VISITAS

Apresentamos o Supplemento das Moças com o mesmo atropelo de quem, depois de u'a mudança, se poem a fazer arrumações.

E' nesta sala, onde para o futuro conversaremos com as nossas lindas leitoras, que recebemos a primeira visita da curiosidade feminina.

Começamos pelas desculpas de praxe: "mudança", "falta de tempo", "imprevistos", etc., desculpas em que as nossas am veis amiguinhas fingirão acreditar.

Nós, porém, não fingimos agradecer a visita. Agradecemos de verdade, com a alegria de quem recebe um presente (visita de moça bonita é, sempre, o melhor presente deste mundo, principalmente quando se trata de uma dessas pequenas "do outro mundo").

Pouco lhes poderemos mostrar. Mas lá estão nos seus logares, mais ou menos arrumados, o "Bazar de Sonhos", os "Papelótes", a "Vidraça".

"O Bazar de Sonhos" com algumas novidades "vient de paraitre"; os "Papelótes" cortadinhos e empilhados, em diversas côres, "á vontade da freguezia"; a "Vidraça", para que atravéz della se possa enxergar, já, alguma coisa, apresentamol-a bem limpa e polida.

Para os numeros subsequentes, queremos enfeitar o nosso Supplemento com novos detalhes decorativos. Apresentaremos o "Consultorio Feminino", o "Espelho Magico" e outras acquisições que farão mais attrahente, mais confortavel, este nosso "coin de feu".

Que nossas lindas leitoras tenham paciencia. Como diz, a proposito de assumptos administrativos, o actual dirigente do paiz, "tudo virá a seu tempo".

Estamos trabalhando para apresentar um "Supplemento" (desculpem-nos a vaidade) da "pontinha".

Logicamente, para arrumar com capricho todas estas coisas, temos que amplial-o, dotando-o de novas dependencias, augmentando-lhe o numero de paginas e as illustrações.

Estamos, pois, como dissemos, em arrumações e não nos arriscamos, porisso, a recepções mais cerimoniosas.

Vocês, no entanto, como pessoas de casa, passarão por tudo sem reparos, sem cochichos.

E, como amiguinhas nossas, falarão bem de nós, por ahi, em toda parte.

Feitas estas considerações, aqui, na sala de visitas, franqueamos a vocês a casa inteira.

Alegrem, repassando-lhe as paginas, o nosso "Supplemento" e enfeitem-n'o, ao mesmo tempo, com as "chinoiseries" dos seus bilhetinhos alegres e decorativos.

DIENTE DO
...o das Moças"
...a
...Cigarra" Ltda.

...ção Administração:
...Briccola N.º 10-2.º And.
(Predio Pirapitinguy)

Redactor: Armando Bertoni

Correspondencia - A correspondencia deve ser enviada para a Caixa Postal 2874.

Assignatura - Preço da assignatura annual da "A Cigarra"

24$000 com porte simples
30$000 registrado
35$000 para o exterior

O "Supplemento das Moças" é distribuido gratuitamente, acompanhando "A Cigarra".

Clichés - Em vista de seu grande movimento de annuncios, **A Cigarra** não se responsabilisa por clichés que não forem procurados dentro do prazo maximo de **tres mezes**

Agentes na Europa
E. BOURDET & CIE.
9, Rue Tronchet, PARIS
19, 21, 23, Ludgate Hill
LONDRES

Agentes na Inglaterra
Latin-American Publicity Service Ltd. - London, 5 New Bridge Street - N. - C. - 4.

Succursal em Buenos Aires
Lima & Cia., Calle Tacuari 1542

Succursal no Rio de Janeiro:
"A Eclectica", á Av. Rio Branco n. 137 - Caixa 5292
Phone Central 3246.

Saúde

Farolito: — Sim, falarei comtigo, mas, primeiro, manda-me as tuas iniciaes; Girler: — Não collaboras mais? Por que?! Bem-te-vi: — Quer ser minha amiguinha? Leonama: — E's pouco camarada; M. de Vuvré: — Toma cuidado; Rubens e Aldo: — Sois da pontinha; Flôr do Sertão: — Ainda mexiriqueira? Deixe disso! Elizinha: — Estás cada vez mais magra! Ermelinda: — Camaradinha! A todos, lembrança da — **Nympha.**

Desillusão

Foi um entardecer sombrio... um desses crepusculos nevoentos, sem côres no poente, amortalhado em brumas. A terra sem alegrias, o céo sem estrellas, meu coração sem amor!

Esse amor consumiu-se lentamente deixando em meu peito, transformado em esquife, o cadaver de um immenso amor! — **I Love You.**

Coração Triste

Não penses cousas más de mim,

...miguinha. Se mudo fiquei todo es-
... tempo, é porque não sabia se
estavas continuando a escrever.
Continua. Teus artigos agradam-
me. Dão-me coragem para escre-
ver tambem. Aguardo ansioso es-
cripto teu. — **Duque Euramebo.**

Sonhador Desilludido

Perdôa-me. porém foi engano
...ando lhe dirigi um artigo, defen-
...ndo-me. Pensei, quando li seu
...tigo, que fosse a mim dirigido,
...as verifiquei o lapso. Comtudo,
...antes tarde do que nunca". Aqui
...a o amiguinho arrependido, que
... aperta a mão. — **Duque Eura-
mebo.**

Para Aymoré Solitaria

Sim, Aymoré, encaro tranqui...
as manifestações da dôr... ...
a fronte, e rio-me; porém... ...rgo
não lamentar? Não! E... como
desabafar este rio ... preciso
... ...multuoso que
... ...mo. Guardei mui-
...dade, mas agora não guar-
...mais. Sou-lhe grato, gentil
...miguinha, eternamente grato. Es-
tou ao seu inteiro dispôr, se qui-
zer trocar idéas commigo. Accei-
ta? Do amiguinho — **Duque Eura-
mebo.**

A todos

I

Em virtude do fim do anno es-
tar proximo, e, por conseguinte,
ter eu que estudar muitissimo
Physica, Chimica e Historia Na-

...para poder passar nos vesti-
...á medicina (em S. Paulo),
...o que tão cedo não po-
...ender o meu precioso
...ollaborações plagiati-
...as e amorosas...

II

...amigos e inimi-
gos, que me respeitaram e me te-
meram, caros collaboradores e pla-
giadores, que me admiraram e me
invejaram, caros corações e cere-
bros femininos que me adoraram
e me idealisaram, acceitem um
saudoso e inesquecivel Adeus do
talentoso, do temivel, do amavel,
do mordaz, do sonhador e do irre-
sistivel — **Cavalheiro Pardaillan.**

Para...

Rouxinol de Tranças: — Impor-
tuna? - Não, em absoluto. ...
muito, mas posso assegura... ...Sinto
não sou quem julga. Po...-lhe que
... isso, creio

desnecessario o meu perfil. Além
disso, elle traria a você grande
desillusão... Resido proximo do
centro. **Bond 19:** — Não era. In-
felizmente não ando de bonde.
Grato pela attenção e gentileza
dedicadas á obscuridade do — **So-
nhador Exilado.**

Para...

"Condessinha de Rudsay": —
Nada neste mundo é impossivel.
Tudo depende de nós mesmos...
Portanto... Pois eu tambem, de-
sejaria muito conhecel-a... "Kri-
nhilde": — Foi você que me es-
creveu a cuidado da redacção? A
carta sahiu da redacção, mas in-
felizmente não chegou ás minhas
mãos. Extraviou-se no "correio".
Quer me enviar outra igualzinha?
Sinceramente agradeço-lhe as
gentilezas. Seu — **Sonhador Exi-
lado.**

Reminiscencia

I

Martha foi a minha primeira
amiguinha. Já lá vae muito tem-
po... Tinha eu seis ou sete annos,
quando entrei para a escola. Meu
irmão, mais velho, levou-me até
lá, entregando-me á professora,
com uma boa "dóse" de recom-
mendações. Esta era uma moceto-
na de edade indecifravel, morena
e de rosto redondo.

II

Usava pince-nez, atravéz do qual
se notavam dois grandes olhos de
expressão um tanto severa. Per-
guntou-me muitas cousas, ás quaes
respondi com exactidão mathema-
tica, mas, com vontade toda indif-
ferente.

Emfim me disse: — Muito bem,
menino, vae sentar-te...

Como os ban...os estivessem to-
dos occupad... ...meninos e me-
ninas ...os por... ...dade, mais ou
...menos, da minha ed...
menos, hesitei.

III

Então ella repetiu: — Se... ...ta-te
lá no fundo, "Ciccillo", ao lado da-
quella loirinha. Fui. A loirinha era
Martha. Logo "puxou" conversa.
Falou-me do regime escolar, das
suas colleguinhas, da professora:
em pouco tempo me pôz ao par de
tudo: emfim, agradou-me muito.

Eu, por minha vez, confiei-lhe
não gostar assás da professora,
por ter-me chamado...

IV

...de "Ciccillo" sem ser este o
meu nome. Replicou-me então: —
Não ouviu como ella falou?... lá
ao lado da "loirinha". Eu tambem
tenho meu nome. Que desafôro!!!
Deixe, não faz mal, ella ha de nos
pagar...

Uma menina assim, tão sabida,
toda graça e desembaraço foi Mar-
tha, a minha primeira amiguinha.
Dahi a nossa amizade.

V

Um bello dia tive de deixal-a.
Fui para a cidade. Ella ficou tris-
te e aborrecida. Não queria que eu
fosse embora. Aos poucos, esque-
ci-a. Hoje, entretanto, aquella fi-
gurinha de outróra se revive numa
senhorita tão graciosa quanto el-
la... E como? Ao ouvir, depois de
eu lhe ter indagado o nome: Mar-
tha. — **Fofó Bolonha.**

A' Deusa Calliope

I

Poderei informar-lhe a quem
pertence o carro 604. Por interme-

dio da "Cigarra", não. Não haveria nada de mal, mas prefiro calarme. Para ser-lhe util, em todo caso, posso indicar-lhe o meio de descobril-o.

Ha um livro (Livro vermelho dos telephones. Preço 20$000) onde a gentil amiguinha poderá encontrar...

II

... o que lhe interessa. Digo mais: encontrará, tambem, o numero da residencia, do telephone, da caixa postal, etc.

Valverde é velhinho octogenario, hespanhol e completamente analphabeto, mas está ao par disso... E você?... Uma menina intelligente, moderna, sapequinha talvez, que collabora em revistas, ignora... Como se explica?! — **Fofó Bolonha.**

Resquicios

Ella não sabe que foi o mais fulgurante sonho que eu sonhei na vida. Ella não sabe, quanta vez, ao esfumar da tarde, evoquei a sua imagem deliciosamente ingenua e boa, numa supplica da mitigação. Ella não sabe que foi toda a causa de uma lagrima, que se crystallisou nos refolhos do meu coração. Ella não sabe... — **Albatroz.**

Tempo

E's tú, ó tempo, que com o teu lento andar, algumas vezes, lésto outras, levas para o infinito, longe do pensamento, os momentos de alegria e de amargura por que passamos nesta vida? A's vezes, quando uma dôr nos fére, nos sentimos tão fracos para tiral-a de nosso coração, que cada vez a sentimos mais aguda, mais impiedosa.

II

Um amor infeliz adormece as nossas energias e os pensamentos mais insensatos brotam de nossos cerebros, allucinados por um golpe profundo e demasiado. De repente, cahimos numa como somnolencia, e, quando acordamos, já

os effeitos desse mal se vão extinguindo aos poucos até se tornarem apenas uma recordação.

III

E's tú, ó tempo, que com tua marcha vagarosa suavisas o fogo que arde em nosso peito. E, quando o esquecimento vem — balsamo que cicatriz as feridas do coração — já não sentimos mais que uma saudade!... E parece ter sido tudo um sonho... o tempo que se foi. — **Iromar.**

Gatinha

Você quer ser minha noiva, embora pelas paginas da "Cigarra"?

Garanto que seremos o par d[...] namorados mais feliz de quanto[...] têm existido sobre a terra. Os nossos colloquios serão indiscreta[...]mente conhecidos por todos qu[...] nos lerem, e nós, disfarçados so[...] pseudonymos, experimentaremos [...] dulcissimos enlevos que unicame[...]te os corações amantes pódem g[...]zar.

Lamento sómente a "Cigarr[...] não ser de publicação diaria; me[...]mo assim, aguardo pacientemente o teu "yes". — **Spendius.**

Tamoya

Neste instante, em que te escrevo, ouço a tempestade que se desencadeia lá fóra... As arvor[...] curvadas vão perdendo a[...] lhas amarellecidas que re[...]tam uma saudade do Outom[...] Eu tambem sinto uma grande saudade... De què? não sei definir. Houve um lamentavel erro na notinha do 402. Se a queres. — **Meiga Flavita.**

Villa Clementino

Porque será: que o Roberto cáe sempre da bicycleta? que o Eros anda sempre sem chapéu? que o Ity gosta tanto da letra "D"? que o Antonio está sempre na rua Senna Madureira? que o Helio é tão sympathico? que o Ariowaldo é tão bonitinho? que o Sylvio anda tão triste? que elles não adivinham quem eu sou? — **Estrella d'Alva.**

Atheneu Brasil

Quanto dão pelas conquistas da Leonor? pelos ciumes do Hugo? pela paixão da Yolanda? pela symthia do Arthur? pela desillusão da Lydia? pela crueldade do Alvaro? pela belleza da Dinah? pelos olhares do Joãozinho? pela autoridade do Italo? pela obediencia da Asta? pela "esperteza" da Marina? pelos alumnos novos? E pela minha indiscreção? — **Estrella d'Alva.**

Apresentando

Como não conheço ninguem nestas paginas, e querendo collaborar nesta querida revista, apresent[...]me: Tenho 21 annos, more[...] sileira, solteira e resido e[...]lo. Assim, desde já, e[...] dens de todos os int[...] loboradores. Consel[...] —Offereço-te mi[...] ceitas? — **Garo[...]**

As Rugas

(Parodia a "As pombas" de Raymundo Corrêa)

Surge a primeira ruga sem piedade,
Surge outra mais... mais outra... emfim dezenas
De rugas surgem numa face, — apenas
Foge tristonha, a nossa mocidade...

E á noite, quando temos liberdade
De passear, — as rugas, sempre amenas,
Em nossa face, como as açucenas,
Reflectem já dizendo a nossa edade...

Tambem de nosso cerebro, aos punhados,
Vão sahindo remedios planejados
Para acabarem rugas, e jamais

Conseguem; voltam pois, logo soltam.
Mas, com outro remedio as rugas voltam!
Com o RUGOL não voltam nunca mais.

Atheneu Brasil

I

Querendo offecer um ramalhete ao DD. Director do Atheneu Brasil pelo seu anniversario, colhi as seguintes flores: uma bonita rosa: era a Leonor; um cravo: era o Hugo; uma fresca camelia: era a Asta; uma grande gira-sol: era o René; uma graciosa papoula: era a Dinah; um perfumado jasmim: era o Joãozinho; uma bella

II

orchidéa: era a Yolanda; um lindo myosotis: era o Arthur; uma modesta violeta: era a Marina; um pequeno amor-perfeito: era o ....; uma pequena sempre-viva: era a Lydia; um elegante crysanthemo: era o Alvaro; uma gentil bonina: era a Antonieta; um cheiroso resedá: era o José Amaro. Ele ficou satisfeitissimo, tendo agradecido muito á primeira, que é — **Estrella d'alva.**

Talu', Estrella do Norte

Sabemos, com alegria, que venceu concurso de belleza e elegancia e o Clube Humberto I instituiu n V. Marianna. Então, ainda n chamará de galanteadores se dissermos que a commissão agiu n acerto, pois você é encantadora e nos a...? Novamente, ficando-a, depomos a seus pés a admiração do — **Tenente Ramirez** e **Guarda Marinha.**

Saúde

Farolito: — Com que roupa irei ás matinées? Se dancei muito foi á minha custa, ouviu?... I Love You: — Qual é o motivo por que sou espirituoso?... Nympha: — Vou queimar o meu ultimo cartucho, tome cuidado! Annita: — Ando disfarçado, sabes? Elizinha: — Usted és graciosa; Ermelinda: — Uma linda loirinha; Flôr do Sertão: — Um simples chorão. E eu, sempre o maluco do — **Affonsito.**

Saúde

E. F.: — Toda cuidado; quem avisa amigo é: vê se te recordas desta phrase... I Love You: — O

Mexida vae te sapecar no Braz-Jornal, não só a ti como ás outras; Annita: — Em breve te trarei uma surpeza... Leonama: Deixaste de collaborar na querida "Cigarra"? A todos lembranças do maluco — **Affonsito.**

Para Idalina B. Lisboa

(Consolação)

Meiga e carinhosa colleguinha. Com o romper da aurora, nessa gloriosa data, surgirá mais uma mimosa violeta, no delicado bouquet que é a sua util existencia. Felicidades innumeras é o que desejo a você. Beija-a com saudades a — **P. Q. Tita.**

Rapazes...

Senhorita de boa familia, séria e educada, procura um noivo; prefere louro, de optimas qualidades; não almeja dote porque tambem é pobre, mas exige instrucção. Prefere que seja sincero e honesto.

Habita numa linda cidade do Interior; aprecia a musica, as artes e as sciencias.

Quem se interessar, será favor responder á — **Philosopha.**

Luz

Muito grata ficarei ás distinctas amiguinhas e moradoras deste bairro ou a quem me souber informar a quem pertence o joven coração de Marinoz, que móra na Av. Tiradentes (n. imp.). Com os mais sinceros agradecimentos aguardo, anciosa o favor. — **Apaixonada.**

Informação

(Luz)

Peço que me informem, pelo que ficarei muito agradecida, a quem pertence o coração do jovem Cyro B., residente á rua Alfredo Maia n. par. Anciosa, aguardo resposta e muito agradeço. — **Aida.**

Procuramos

duas noivinhas que gostem de cinema e bailes. Somos morenos, temos 19 annos e nossa altura é 1,78. Si entre as leitoras da gentil "Cigarra" houver duas que estejam interessadas por nós, pedimos que nos enviem seus perfis, por carta endereçada á "Cigarra" para — **Dois Novatos.**

Gentis leitores e leitoras

Cá está uma assidua leitora desta preciada revista pedindo permissão para collaborar tambem. Qual de vós quer dar-me a honra de corresponder-se commigo? Aqui estarei á disposição de todos, ajudando-os no que estiver ao alcance do — **Collar de Perolas.**

Queridos leitores

Algum de vós poderá informar-me se o coração de Osmany Galvão já pertence a alguem? Quem é essa felizarda e onde reside? Eu sómente sei que elle é dentista e o seu gabinete fica á rua Boa Vista, 8. Aguardo a resposta com anciedade e desde já pódem contar com o eterno reconhecimento do — **Collar de Perolas.**

Quem escreverá?

Qual a pena feminina — que quer lenir minha pena? — Seja de loura ou morena, — mas não de ingenua menina...
Seja alguem que se apresente —

já mixto de flôr e fructo; — flôr do hastil inda pendente — ou flôrzinha... já de luto. — **Juan Alvarado.**

Millionario

A teus pés deponho meu amor e meus milhões. Então, cavalheiro, julgou que se dirigia a uma corista? Proposta indigna de um cavalheiro que se preza. "O coração se vende, dá-se". Todos os m... do mundo não pódem pagar u... amor sincero. Se quizer compra... um coração, é livre, mas o me... não está á venda. —**Lili ou Liliana.**

Sol e Lua...

I

A immensidade dos céos e toda a terra o teu lume orna e conforta. Quando um dia não appareces, noss'alma de frias sombras se veste, só algum raio surge por entre as arvores; surge, como se fosse, a terra, casa de mortos. Riem ao teu calor as ilhas e os portos; sobre as arvores pousa o passarinho e...

II

... sauda-te com seu doce canto. Foi-se o tempo em que eu sorria ao ver-te surgir "pensamento da mocidade, fogo de amor"...

Agora tristes pensamentos e azares passam pela minha mente; em ti, pallida lua, venho espelhar-me. Que nunca me faltes, minha doce companheira, unica consoladora de minha dorida alma, triste e amargurada.

Lua!... Testemunha do meu primeiro amor. — **Lili ou Liliana.**

Estrella d'Alva

Bondosa amiguinha: diga-me si as suas iniciaes não são L. S.? Em caso de possivel engano, acceite a inutil mas sincera amizade do — **Ignoto?**

Alguem

Por certo que não será a primeira vez que você collabora. Seja complacente, então, dando-me suas iniciaes, pois julgo que a conheço um pouquinho... — **Ignóto.**

Resposta á Gatinha

Vou satisfazer seu desejo: sou moreno, olhos castanhos, cabellos negros, altura regular e tenho 25 annos de idade. Sou louquinho por cinema, danço admiravelmente, cul-

CORRESPONDENCIA DOS LEITORES

Correspondencia dos leitores do
"Supplemento das Moças"
Este "coupon" dá direito á publicação de UMA correspondencia.

O "coupon" acima deverá acompanhar CADA CORRESPONDENCIA, que não poderá exceder de 60 PALAVROS. Cada leitor poderá enviar mais de uma correspondencia, uma vez que sejam acompanhadas pelos respectivos "coupons". A redacção entregará as cartas destinadas a seus leitores, mas sómente as que venham *pelo correio* e acompanhadas de um "coupon".

CARTAS

Têm cartas nesta redacção: A. Lopes, Angoulême, A. B. C., Aprés (2), Aymoré Solitaria, Billie, B. Almeida Junior, Chapeleta Azul, Carlos Magno (4), Conrad, Conrad Rodolpho, Dulcinea (2), Eurico, Egypciano, Flôr de Alisa, Frifie, J. Claudio (2), Lili ou Liliana, Lenita, Lubowska, Leda Sylvia, Manon Lescaut, Musa Incomprehendida (2), 1830, Mlle. Demonio, Natalie Aguiar, Olhos Verdes (6), Reverendo (3), Simone (3), Sonhador Exilado, "Sorri... só" "Sorriso", Gaby, Triberane, Tamoya, Theophanes (3), Venus de Medicis (5), Waldomiramar, Walkyria, Walderez, Wonio (2), Poupée (1 livro).

Radiogrammas

Rita del Rios: — Agradeço-te como se me tivesses feito esse grande favor. Lamento penhoradamente tua retirada desta. Coração Aviador: — Estou residindo na capital. Quando quizeres fallar-me, faze uso do 2-0522. Piloto Mysterioso: — Estás ficando mui sabido. Não eras assim, Violão. Esbelto Infante: — Lamento, mas já é tarde. Sei que foste para o sertão de Avanhandava. E' facto? — **Ben Hur.**

Piloto Mysterioso

Dizes que o meu sonho podia tornar-se realidade? Talvez. Tudo para mim e tão difficil nesta vida, principalmente em casos amorosos. A's vezes, penso que talvez você me comprehendesse, porque desde que comecei nesta vida de amores, jámais, me comprehenderam. Nunca encontrei um homem digno dos meus carinhos. Tua, sempre tua — **Manon Lescaut, ex-Mysteriosa.**

Braz

Informação

Haverá algum leitor desta que me possa informar a quem pertence o coraçãozinho de uma jovem loura, de 18 annos approximadamente, residente á rua Parahyba n. 76, o que desde já agradeço? — **Vitamor.**

Apresentação

Esperando captivar as sympathias das gentis leitoras, apresento-me.

Creio que a minha descripção muito agradará. Sou forte e corpulento. Olhos amendoados e castanhos, comprimidos e recurvos, negros como uma noite de tempestade. Estatura regular, mais alto que baixo. Intelligencia que não teme concorrencia. Palavra dôce como o mél. Emfim, no conjunto, sou um "bijou" — **Nem é bom falar.**

Noivinhas

Dois amiguinhos inseparaveis procuram noivinhas com 16 a 18 annos, que sejam amaveis, e que saibam amar com ternura. Somos estudantes, gostamos de cinema, bailes e apreciamos o esporte.

Se houver, dentre as muitas leitoras, algumas que se intessem, queiram nos responder, que, em seguida, enviaremos perfis. Pelo futuro, indicaremos o restante. — **Principes Rebeldes.**

Tonico para todas as idades

O uso do QUINIUM LABARRAQUE pela dose de um copo dos de licor depois de cada refeição basta, com effeito, para restabelecer em pouco tempo as forças dos doentes mais debilitatos. É egualmente excellente contra os accessos das febres mais tenazes. Tambem as pessoas fracas, debilitadas pela doença, o trabalho e os excessos, os adultos fatigados por uma crescença demasiado rapida, as meninas que teem difficuldade em se formar, as senhoras após os partos, as pessoas de idade enfraquecidos pelos annos, os anémicos, e pessoas cançadas pelo trabalho intellectual, devem tomar : o vinho de

Quinium Labarraque

Approvada pela Academia de Medicina de Paris

Deposito : **Maison FRÈRE**
19, rue Jacob, PARIS

Venda a retalho : Em todas as Pharmacias

O tempo comprova o valor dos filtros de belleza

("A Belleza Londrina")

As mulheres intelligentes são mui pouco voluveis quanto á eleição dos productos que ellas usam para a conservação de sua belleza. Ellas preferem as substancias simples e que, atravez do tempo, hão demonstrado o seu valor e, por conseguinte, rechassam os cremes e os liquidos estrepitosamente annunciados. Sabe-se desde ha muitos annos que a cêra pura MERCOLIZED" (**"Pure Mercolized Wax"**) é o mais seguro dos embellezadores da cutis que a Sciencia tem creado. Além disso, custa tão pouco a cêra "MERCOLIZED", que por sete mil réis mais ou menos se encontrará em quasi todas as pharmacias e drogarias a quantidade sufficiente para permittir-lhe a completa restauração da sua cutis. Se desejar eliminar o pello superfluo de uma forma instantanea, é preciso que faça uso do PORLAC pulverisado. Usando-o methodicamente, dá resultados radicaes e definitivos.

A legitima "Cêra Pura Mercolized" é vendida sómente em latas douradas, de dois tamanhos. Preços de venda no Brasil, Rs. 12$000 e 7$000.

Faces rosadas

Para que sua face pareça naturalmente corada, não use nunca rouge, carmin, nem outras pinturas, senão exclusivamente **CARMINOL** em pó, que se póde obter em qualquer pharmacia ou perfumaria. **O CARMINOL,** não tem effeito nocivo algum sobre a cutis, dá á face um tom rosado tal que ninguem póde perceber que não é natural. As mulheres de face descolorida notarão a enorme e benefica differença que produz em seu rosto um pouco de **Carminol.** Tanto em pleno sol, como sob a luz artificial, o rosado que produz o **Carminol** é de effeitos encantadores.

Duas levadinhas

Nós ingratos? Quem foi que vos ensinou a nos chamar daquella maneira? Por ventura faltámos de respeito para com as nossas noivinhas? Sómente pela simples insignificancia de termos nos esquivado, somos assim tratados? Cremos que a palavra "ingrato", foi muito mal pronunciada por tão bondosas criaturas... Saudade de seus noivinhos — **Jahu' x Zeppelin.**

Amargura

(Para Zezé lêr)

I

Já vem a tarde lenta, muito lenta, cheia de tédio e de melancolia, envolver toda a natureza, nesse véo azulado de tristeza!

O sol já desappareceu, e dos seus raios d'oiro, fulgurantes, nada mais resta do que o rubor inflammado a invadir o céo, que parece todo afflicto num anseio immenso, de febre e de suffocação!

II

Sangram as papoulas, gottejando as suas petalas muito rubras, exhaustas de delirio!

E as magnolias, então, exhalam os seus perfumes estonteantes, para mais impregnar o ar dessa athemosphera cheia de agonias!

III

Garças somnolentas fitam o fundo claro do lago extasiado, cheio de soluços e lagrimas, das yáras friorentas!

A lua, olhos arregalados e luminosos, enfeita com suas fitas prateadas, cobertas de lantejoulas, o manto verde-esmeraldino do mar, que chora inconsolavelmente!

Lá distante, as montanhas, altas e petrificadas fitam constantemente o céo, mudas e incançaveis, a vigiarem as estrellas infantis, que descuidadas folgam, a rir.

IV

Vem de longe, muito longe, um canto soluçante do rouxinol, que conta, talvez, a toda a natureza, a immensa crueldade humana, que roubou para sempre a sua companheira querida, que era todo o seu amor.

A minh'alma, então, se eleva para o azul, e reza... reza uma prece infinda, dorida e silenciosa, cheia de angustia e dor.

V

O silencio domina... e, ante o mar, os pharóes e as montanhas, tudo enluarado e verdejante, eu vejo sómente luzir duas claras pupillas verdes, muito verdes, que ficaram como duas preciosas esmeraldas, encrustadas no escrinio rubro do meu coração, immenso, impossivel de esquecer!... —— **Missy.**

Flôr de Alisa

O verdadeiro amor nasce sempre da convivencia; o de primeira vista, embora mais forte e imperioso, não possue qualidades significativas: os olhos convergem sempre, com vivacidade, para o bello, atormentam o espirito para o amor ignobil e realista; com alternativas desprezíveis, mas empolgantes, actua no espirito, fazendo crer num sentimento puro.

II

O verdadeiro sentimento procura conhecer o espirito, a alma, o coração, e não o gosto da belleza das formas, da côr, do som, ou da attitude, onde as mulheres, em geral, peccam, e os homens, inconscientes, proseguem. Uma simples acção generosa influirá mais no coração, e excitará mais a emulação do que a vista do mais bello rosto. — **Cysne.**

P. Q. Nita

Lamentavel qui-pró-quo fez com o meu artigo, dirigido ao Bruno D. N., no numero anterior, fosse publicado com o teu pseudonymo.

Peço-te perdão por isso, aliás, a culpa não é minha e sim da redacção que publicou P. Q. Nita em vez de... — **P. Q. Tita.**

Respondendo e Perguntando

Meiga Flavita:
— Oh! não posso crer que você seja assim tão triste; a vida é tão bôa e alegre para nós, que estamos em plena mocidade. Abraço-te.

A todos: - Mil beijos a quem informar o nome da felizarda que possue o coração do moreno que reside á avenida Condessa de S. Joaquim n. impar: Agenor S... — **Tamoya.**

Repicando...

Cavalheiro Pardaillan: — "A esperança é a ultima flôr que murcha no jardim de nossa existencia". — Conselheiro do Amor e Alma Lêda: — Parabens, Iromar, Movietones, Armando Durval, Ben-Hur e Princeza Estrella D'Alva: — Acceitem minha amizade. A todos, um adeus da — **P. Q. Tita.**

De Ignezita

Simone: — Offereço-te minha insignificante mas sincera "pessoinha", para acompanhar-te nesse longo e penoso trajecto que é a vida. Minh'alma descrente contêm, ainda, enorme espaço para uma affeição ardente e desinteressada, que queira prodigalizar-lhe um pouco de carinho. — Alma Lêda: — A ti, gentil amiguinha, mil beijinhos. — Rosario: — Admiro tus escriptos. Seria mucho pedir-te un poco de amistad?

Gymnasio do Estado

(3.º anno A)

Os collegas implicam e acham engraçado: a Severina P. parece manjar branco: mantenha seu corpo firme. Penna M. sempre volvendo as vistas para o 2.o anno; Cecy já sabe: cuidado. Os collegas perguntam a M. Eliza, onde foram parar as violetas; de certo no dr. M. D.... Alberto B. Abreu amando; não se esqueça da moreninha do 1.o anno. Sara P., os collegas reclamam seu amavel cumprimento matinal. — **Sandalo.**

Para "Você"

I

E' para "Você" este recado. "Você" para quem eu tenho guardado até hoje o meu primeiro amôr. "Você" que eu espero ha tanto tempo. "Você", que eu nunca vi, que não sabe se eu existo... "Você", de quem jámais recebi um olhar, uma palavra, uma caricia, um beijo...

II

Mas eu sei que "Você" existe... e que me quér — porque eu sou aquelle sonho que "Você" guarda no peito...

E agôra "Você" vae responder a estas minhas palavras, "Você" que, talvez, já tem escripto para tantos...

"Você" — meu anjo louro de dedinhos de marfim...

"Você" — minha morena tropical de labios de carmin... — **Reverendo.**

Apresentação

Aos collaboradores d'"A Cigarra" — essa juventude plena de esperanças, essa mocidade cheia de alegria — eu me apresento, envolto no manto violaceo de minha tristeza, offerecendo a todos (principalmente a vós, filhas de Eva — sonhos do meu futuro, cinzas do meu passado...) a minha amizade bohemia, mas sincera. Acceitam?... Se acceitassem... Só assim eu "começaria" a ser feliz! — **Reverendo.**

Para

Ama-me e o mundo será nosso: — Vae-se vivendo. Obrigado. Não quer que a elogie? Está certo. Lembranças e mil felicidades para você. — Venus de Medicis: — Oh, não diga isso! A menina merece muito mais. Ignezita: — Como está? Chorando sempre, não? Lembranças. Fernanda: — Como vae? Cumprimentos de — **Menrios.**

São Manoel

I

Dois longos annos que vivo na mais negra dôr, dois annos de lucta e desespero, sempre esperando uma palavra de consolo e carinho para este pobre coração tão amargurado por tua ingratidão e abandono. Oh, querido! Ainda não estás satisfeito com a crueldade e humilhação com que me tens tratado e com as lagrimas que me fazes verter?

II

Recorda-te, João, nesses dois annos, quantos martyrios me fizeste padecer e lagrimas amargas chorei, quando tu, ao lado de outras, rias de meu desespero. Responde-me qual dellas te dedicou um amor tão puro e sincero como este que te dedico e que só a morte poderá destruir. Ninguem te foi fiel como esta pobre desprezada.

III

João. Não me sejas tão cruel, não escarneças desta pobre infeliz, que te ama e que te jurou amor eterno, juramento que só quebrarei quando a morte piedosa vier libertar-me desta vida. Oh! Que feliz eu seria, vendo-te outra vez a meu lado como outr'ora. Esqueceria todas as amarguras por ti soffridas.

IV

João: será que nada duvidas deste nobre amor que te consagro? Não duvides deste amor tão puro; tem compaixão desta que te adora com todas as fibras da alma; não vês, querido, que se eu morrer por tua causa, tu não poderás ser feliz? Porque minha sombra sempre ha de seguir-te os passos. Não me abandones por outra. — **Uma Desventurada.**

Simone

Para você, ha uma carta na redacção. — **Sergio.**

Walkyria

Não mando meu perfil por recado, pois já uma vez sahiu e foi para surgir inimizade com uma illustre collaboradora desta secção.

Tomei a serio a brincadeira della, e, por esse motivo, prometti nunca mais dar perfil por recado.

Mandarei por carta, se o desejares. Não estou compromettido com ninguem. Estou livre de qualquer compromisso. Procure carta na redacção desta revista. — **Walter.**

Condessinha de Rudsay

Procura carta na "posta" que

segue a resposta a teu cartão. Rosario: — Procura carta na redacção. — **Camponez.**

Juracy Ro...

Não posso esquecer-te! Quando procuro olvidar teus meigos olhos e tua esguia silhueta loura, tudo me fala de ti! As tuas canções predilectas... aquelles lindos versos que só tu sabes declamar... Oh! Eu não posso esquecer-te! Dize-me uma palavra apenas, e voltarei, feliz, para fazer de ti a rainha de meu coração, a minha esposa muito amada! — **Eu.**

Para

"Ben-Hur": — Prenuncia-me tragico fim?!... Precavenho-me sempre das mãos travessas das crianças por serem terriveis algozes de minha louça. Que mais deverei temer? Reverendo: — Não sou quieta e muda como minhas homonymas. Sei fallar, cantar, rir, chorar, brincar. Emfim... sou um terror para os philosophos. Todavia, posso utilisar-me de amarguras para receber meu serão importunos apenas á vista. — **Poupée.**

Duque de Morgan

Sim, querido Duque, jámais te esquecerei. Meu coração estará sempre ao teu inteiro dispor. Embora seja uma obscura estudante que se occulta sob um pseudonymo. Faço votos para que voltes com o coração isento de amarguras para receber meu amor, que foi sempre incomprehensivel — **Mysteriosa Duquesa.**

Reverendo

I

Interessou-me, veja só!

E por que? Porque eu, como você, Reverendo, leio sempre "A Cigarra", "a revista brejeira que canta um canto bom no coração da gente", e... "porque vivo de esperanças, com os olhos fitos no futuro", tive vontade de responder a alguem que tenha um ideal na vida "aquillo que escrevo nas horas vagas de um tempo atôa"...

II

A sua alma sonhadora e estudiosa disse qualquer coisa baixinho á minha, jovem, sonhadora ávida de saber...

As suas palavras agradaram-me pela amavel subtileza, bem differente de muitos que aqui apparecem, pedindo, sem preambulos, perfil, idade, iniciaes, etc.

Foi muito mais delicado, captivou-me.

Pede um coração bondoso; creio que o meu não é máo de todo; poderá aperfeiçoal-o, se, como penso, for intelligente e distincto.

Creio que será sublime a união de duas almas sonhadoras irmanando-se na permutta de idéas boas e dignificantes, melhorando-se e completando-se mutuamente.

E' a minha vez agora, de esperar a volta d' "A Cigarra". — **Aziul.**

A Alguem (A. V. Zéca)

A hora mais sublime da minha existencia será quando a morte vier trazer o descanso eterno para o meu triste e abandonado coração. Morro por ti, e, no momento em que for deixar as illusões do mundo, terei forças para, em um profundo suspiro, enviar-te um eterno adeus. Desta que te ama loucamente — **Pequena Sensitiva.**

Para...

Flor da Madrugada: — Agradeço-te do fundo do coração, boa amiguinha. C. do Amor e Alma Lêda: — Meus sinceros parabens. Leonama: — Esqueceste de mim? Arlette: — Que foi que aconteceu colleguinha, que não me escreveste mais? C. de Esmeraldas: — Ainda não vens este mez? Estou anciosa. P. Q. Nita: — Andas apaixonada, pequena? — **P. Futurista.**

Para Olhos Verdes e Gaby

Olhos Verdes: —— Apreciei immenso o teu perfil, achei-o interessante e delicado; espero sejamos, em breve, bons camaradas, quando nos conhecermos melhor. Senhorita Gaby: — Aqui

guntas! Eu a conheço, sim. Conversamos em qualquer lugar, sempre que nos encontramos. Sinto muito não poder dar meu perfil, nem iniciaes. Você, ou qualquer outra pessoa, saberia facilmente quem sou. Como temos muita intimidade, descobririam logo. E eu não quero isso... — **Juruá.**

A' Srta. Gaby

Pelas columnas da querida "Cigarra", li o teu appello, e, quanto a ser sincero, pódes contar com fracos prestimos.

Na espectativa de ser o amiguinho que procuras, desde já agradeço qualquer resposta e crê no teu devoto admirador — **Zamba Mac Paunga.**

"Consultorio Feminino"

Nome da consulente

....

....

Pseudonymo para a resposta:

....

(Enviar para a caixa 2874)

Uma pergunta aos que amam

I

Reconheci, na sinceridade das deliciosas collaborações dos amaveis leitores d'"A Cigarra", um sentimento cooperativista de idéias e por essa razão é que uso a liberdade em inquirir, a todos os que amam, algo sobre o Amor.

Vocês acreditam que o amor é a Felicidade?

Que o sentir dessa paixão, que vocês decantam em sublimes

II

poemas, como a plagiar um canto do céo que resôa no intimo das vossas almas meigas, que, attrahidas, fascinadas, vão na esteira macia dessa illusão, talvez para se esvahir na successão de enganos que é a vida, seja a Felicidade? Desespera-me este viver desilludido. Alguem, compadecido, me informe se a Felicidade consiste ou não em um sincero — **Sublime Amor.**

Para...

I

Silencioso: — Não és intelligente? Não acredito, mas, mesmo que não o sejas, farei tudo para consolar-te. Confia em mim, dizendo qual é o motivo do teu desgosto. Procurarei um allivio para a tua solidão. Eu tambem soffro, talvez do mesmo mal; assim, poderás achar, tambem, um lenitivo para o meu. Escreve-me para a redacção, contando...

II

tudo. Só assim poderás dar-me uma prova de sincera amizade. Promettes? Le Danger: — Acceito tua amizade, mas, promettes ser ella sincera? Eu quero uma amizade solida, que não se desfaça ao menor sopro do vento... O teu perfil e iniciaes, sim? Ubirajára: — Desejas ser meu amiguinho? E's sincero? Estou, desde já, ás ordens. Agradecida pela distincção. Escreve-me. — **Estrella d'alva.**

PASTILLES VALDA
pour le TRAITEMENT Rationnel & Energique des MALADIES DES VOIES RESPIRATOIRES
Maux de Gorge, Laryngites, Enrouements, Irritations, Rhumes, Toux, Bronchites, Grippes (Influenza) Catarrhes, Asthme, etc.
ACTION MERVEILLEUSE
ÉTABLISSEMENTS PASTIVAL
27, Boulevard Bourdon
PARIS (IV)
Garantia com o nome: VALDA
APPROVADO PELA ... em 22 de Março de 191.

A TOSSE

QUALQUER QUE SEJA SUA ORIGEM
é sempre instantaneamente alliviada
pelo uso das

Pastilhas VALDA

ANTISEPTICAS
Producto incomparavel
CONTRA
os Defluxos, Dôres de Garganta,
Laryingtes recentes ou antigas,
Bronchites agudas ou chronicas,
Grippe, Asthma, Fmphysema, etc.

Tende muito cuidado !!!
Peçam, exijam em todas as Pharmacias

as verdadeiras Pastilhas VALDA

vendidas sómente ***EM LATAS*** com o nome ***VALDA***
Encontram-se em todas as Pharmacias e Drogarias

APPROVADO PELA HYGIENE DO BRAZIL EM 2 DE MARÇO DE 1912 SOB O NUMERO 252 - FORM : MENTHOL 0.002 EUCALYPOL 0,0005 P. PAST.

O
Unico
approvado pela
Academia de
Medicina
de Paris

melhor Fortificante

BRONCHITES CHRONICAS
TEMPERAMENTOS DEBEIS
FRAQUEZA
CONVALESCENÇA
RACHITISMO
RHEUMATISMOS
CHRONICOS

Deposito géral
Casa FRÈRE
19, rue Jacob, PARIS

Appr. D. N. S. P. em 21 de Abril 1887

Rheumatismos - Dores de
Cabeça - Nevralgias Gotta
Dores de toda a especie

OMAGIL

XAROPE E PILULAS
ANTI-REUMATISMAL
E
ANTI-GOTTOSO

Casa FRÈRE
19, rue Jacob
PARIS (França)

OMAGIL

Appr. D. N. S. P. em 21 de Abril 1887

Westinghouse

SÓ O NOME É UMA GARANTIA

ASPIRADOR - ENCERADEIRA

melhor

porque --

— tira pó de uma superficie maior em menos tempo;

porque --

— é mais leve e de mais facil manejo;

porque --

— espalha a cera electricamente e da um lustro impeccavel;

porque --

— são duas machinas combinadas pelo preço de uma só;

UNICOS DISTRIBUIDORES

SÃO PAULO - Largo da Misericordia, 4

RIO DE JANEIRO - Rua São Pedro, 69/70

Santos - Porto Alegre - Curityba - Recife - Bahia

J. Bignardi & Cia. — S. Paulo